

FASCÍCULO
POVOS DE
TERREIRO

4

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS DE TERREIROS DE PAULO AFONSO

IDENTIDADE E TERRITÓRIO DO CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO

**NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS DE TERREIROS DE PAULO AFONSO
IDENTIDADE E TERRITÓRIO DO CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO**
Paulo Afonso - 2023

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO QUILOMBOS

Franklin Plassmann de Carvalho, Juracy Marques e Vânia Fialho

COORDENAÇÃO DA PESQUISA LOCAL – NÚCLEO SÃO FRANCISCO

Alzení de Freitas Tomáz, Bruno Heim

Este Boletim integra o Projeto Quilombos da Nova Cartografia Social do Brasil, através do prêmio da Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, operacionalizada pela Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH.

SÉRIE

Povos de Terreiros Candomblé e Umbanda do Sertão

REALIZAÇÃO

Povos de Terreiros de Paulo Afonso - Bahia

EQUIPE DE PESQUISA

Alzení de Freitas Tomáz, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Bruno Heim, Bianca Legidanmarè, Joaquim Alves Novaes, Juliana dos Santos Silva, Juracy Marques, José Ignácio Vega Fernández, Nilma Carvalho Pereira, Paola Odônile, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Robson Marques dos Santos, Silvia Janayna de Oliveira Veriato, Suana Medeiros Silva, Liziane Lucena de Araújo, Luiz Gustavo Nóia Araújo, Luiz Felipe Bezerra dos Santos, Ana Paula Silva de Arruda, Maria de Fátima Santos de Lima.

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Iyalorixá Oledéji, Iyalorixá Idejemim, Sacerdotisa Karoline Moura, Pai Paulo Rezador, Yálorixá Yádêrôwmínêjà, Babá Alagbê Ofálôwciomān, Babalorixá Tanquinandé, Babalorixá Baenijô, Babalorixá Tálásíkuerān, Babalorixá Oromisilodó, Babalorixá Faraloòcidomim, Iyá Kékerè Òdòmíróòsódún.

FOTOS E GRAVAÇÕES

Arquivo dos Povos de Terreiros; Alzení de Freitas Tomáz, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Pâmela Peregrino.

MAPA

André Luís Oliveira Pereira de Souza, Alzení de Freitas Tomáz, Luiz Gustavo Nóia Araújo, Luiz Felipe Bezerra dos Santos, Paola Odônile, Silvia Janayna de Oliveira Veriato.

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ana Paula Silva de Arruda

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fátima Santos de Lima
Bibliotecária-Documentalista | CRB – 5ª / 1801

N935 Nova cartografia social dos povos de terreiros de Paulo Afonso: identidade e território do candomblé e umbanda no sertão. [recurso eletrônico]. /Alzení de Freitas Tomáz; Juracy Marques; Bruno Heim... et. al. – Paulo Afonso, BA: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2023. (Povos de Terreiros Candomblé e Umbanda do Sertão).

Livro digital (pdf): 83 p.: il.; 29,7 cm.

Disponível em: <https://www.sabeh.org.br/livros/>

ISBN: 978-65-5732-047-1.

1. Cultura. 2. Cablocos. 3. Identidade. 4. Orixá. 5. Território. 6. Tradição. I. Título. II. Série.

CDU: 299.6

CDD: 299

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

AGÓ EXU – LICENÇA AO SENHOR DOS CAMINHOS
Bruno Barbosa Heim

5

PREFÁCIO

POVOS DE TERREIROS DE PAULO AFONSO: HERDEIROS DA DIÁSPORA AFRICANA NO SERTÃO
Iyá Kékerè Òdòmíróòsódún (Alzení Tomáz)

7

UMBANDA

CENTRO ESPÍRITA DE OGUM BEIRA MAR
Pai Paulo Rezador

9

TEMPLO ESCOLA MATA VIRGEM CASA DE LITURGIA E CARIDADE CABOCLA JACIRA
Sacerdotisa Karoline Moura

17

CANDOMBLÉ

CENTRO OGUM OLEDEJI
Iyalorixá Oledéji

25

ABASSÀ DA DEUSA OXUM DE IDJEMIM
Iyalorixá Idejemim

33

ILÊ AXÉ PALÁCIO DE OGUM
Babalorixá Tanquinandé

41

ILÊ YÁ ORÍ OFÁ IBAIM

Babá Alagbê Ofálôwciomān

47

ILÊ YÁ ORÍ OFÁ IBAIM

Iyalorixá Yádêrôwmínêjà

57

ILÊ AXÉ FARALOÒCIDOMIM

Babalorixá Faraloòcidomim

63

ILÊ AXÉ FARALOÒCIDOMIM

Babalorixá Baenijô

67

ÈGBÉ ÆLÁKETU ÀSÉ ÒMÓ AKUERĀN

Babalorixá Tálásíkuerān

69

ILÊ ASÉ IYÁ OJÚOMINFAN

Babalorixá Oromisilodó

73

MAPA

78

ICONOGRAFIA

81

GLOSSÁRIO

82

APRESENTAÇÃO

AGÔ EXU

LICENÇA AO SENHOR DOS CAMINHOS

Para realizar a apresentação da Cartografia Social dos Povos de Terreiro de Paulo Afonso, precisamos pedir licença à Exu, Nzila, Legba. Na cultura destes Povos, Exu é o Orixá primeiro: não se abre gira ou xirê, sem cantar para Exu; não se assenta Orixá sem assentá-lo. Não se faz nada sem ele.

Também não se escuta a narrativa de uma Yalorixá ou Babalorixá, Mãe ou Pai de Santo sem Exu, pois ele é o Orixá de toda comunicação: do Orun ao Ayê, nada é dito sem ele. É o Orixá que permite trocas através das palavras. Exu sorri dar gargalhada através de cada som, fazendo de cada pausa sua encruzilhada. Portanto, a palavra é Exu e não seria possível escutar, transcrever e apresentar a história de cada Terreiro e Sacerdote sem que Exu aqui esteja.

"Exu é da querer, querer, na sua banda eu quero ver; oh Zé, oh preta aurora, oh salve Seu Tranca Ruas, que vem girar agora". Laroyê, Exu!

O Projeto da Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais visa confeccionar uma auto cartografia dos sujeitos coletivos, para melhor compreensão dos processos de territorialização, identidade e dos conflitos que perpassam, sendo, ao mesmo tempo, instrumento de fortalecimento destas identidades e das lutas empreendidas.

O etno-mapeamento dos Povos de Terreiro de Paulo Afonso é um compromisso assumido pelo Município de Paulo Afonso através do Plano Municipal de Cultural, instituído pela Lei Municipal n. 1.388/18, que, em seguida, deverá "adotar mecanismos de proteção dos principais locais sagrados dos povos de Terreiro".

A Cartografia Social dos Povos de Terreiro de Paulo Afonso, realizada pela Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH) com recursos da Lei Aldir Blanc, obtidos através de edital n. 01/2020 da Secretaria de Cultura e Esporte, de "Chamamento Público 1 - Prêmio Leonam - Espaços Culturais, Instituições, Grupos Artísticos e Culturais".

Infelizmente, nem todos os Terreiros puderam ser cartografados. Muitos não dispuseram de tempo para as entrevistas, outros não tinham interesse, alguns não se conseguiu efetivar contato. Entretanto, o trabalho aqui desenvolvido consegue apresentar de modo representativo a realidade dos diferentes Povos de Terreiro que se territorializaram no Município de Paulo Afonso.

Aproveitem a leitura.

Bruno Barbosa Heim

Professor de Direito da Universidade do Estado da Bahia. Membro da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Candomblecista e Umbandista.



PREFÁCIO

POVOS DE TERREIROS DE PAULO AFONSO

HERDEIROS DA DIÁSPORA AFRICANA NO SERTÃO

A palavra é sagrada, como um juramento contido em nossa alma, ela tem a potência maléfica ou bendita. É a palavra o poder da substância sagrada. Para os Povos de Terreiro é a oralidade a fonte principal dos Itãs (histórias) transmitidas milenarmente. Portanto, as narrativas contidas neste trabalho correspondem à vivência da tradição dos Povos Negros que possuem heranças étnicas de civilizações como o Bantu, Nagô e Jeje-Fon, sendo que os Bantu, foram os primeiros escravizados a chegarem no Sertão do Nordeste, tendo um contato maior com os nativos de nossa terra.

A resistência étnica no Sertão do Povo Bantu, ocorreu principalmente através da formação dos Quilombos na região do São Francisco, um dos exemplos, são os mais de 20 Quilombos reconhecidos no município de Jeremoabo/BA e outras regiões de Sertão do São Francisco, não por isso, a Foz do São Francisco é negra. Contudo, a resistência do Povo negro se constitui também, através da formação dos Terreiros Afro-Brasileiros ou por estes, camuflados e inseridos em aldeamentos indígenas, refúgios de tempos coloniais, não é à toa, que nos rituais de Terreiros, ao iniciar a Gira, realiza seu pedido de Agó (licença) a Exú, para depois reverenciar os Povos Originários, os caboclos donos da terra e somente depois seguir a Gira no culto aos Orixás.

Embora, a Umbanda assim como o Candomblé de Paulo Afonso, possua fortes influências dos Candomblés das Capitais como Aracajú, Salvador, Recife e Rio de Janeiro, principalmente, existem narrativas que apontam os primeiros Terreiros como de tradição Angola. Hoje, os que estão descritos neste trabalho, têm identidades atribuídas as chamadas linhas 'traçadas', especialmente a Angola e o Ketu.

Pode-se afirmar que os territórios de Terreiros de Paulo Afonso, são herdeiros de uma Diáspora Africana, territorializada e reterritorializada através de casas de Santo, Terreiros ou roças, cujas transformações se institui como Ilê, Abassá, Centro ou Templos. Essas denominações, possuem organizações próprias e linhas, cujas heranças múltiplas, define identidades de resistência e cultura em torno da necessidade de autoajuda, na saúde física e mental, bem-estar econômico, político e social.

A forma simbólica, lógica e racional, que os Terreiros de Candomblé e Umbanda nos oferecem é antes, a resistência como processo cultural altamente fomentado pela identidade negra e, desta, constituindo-se como Território de Terreiros capazes de garantir conexões com os sistemas de Orixás, cuja natureza impera através das regras e os reconstitui na tensão do mundo, cheio de subjugações, preconceitos que desafia o ódio em busca de amor, caridade e perdão.

Ìyá Kékerè Òdòmíróòsódún
Alzení Tomáz



UMBANDA

CENTRO ESPÍRITA DE OGUM BEIRA MAR PAI PAULO REZADOR

Meu nome é Paulo Henrique Santana, sou filho de Ogum Beira Mar, me instalei em Paulo Afonso no ano de 1972, estou aqui até hoje em

nome do Senhor, nessa rua, Rua da Alegria, 150. Sou filho de Santo de Mãe Menininha do Ganhois, sou da Umbanda Pura.

UMBANDA PURA NÃO TEM IMOLAÇÃO

Na minha casa eu não faço matança de animal nenhum, não faço corte em nenhuma pessoa e não rapo a cabeça de nenhum filho. É Umbanda Pura, o conhecimento maior que a gente tem dos Orixás, que os Orixás que só no candomblé que eles cortam, raspa, mas a Umbanda não faz isso, a Umbanda é diferente, é pura, entendeu?

Como eu já disse, no ano que cheguei aqui fundei este Terreiro. Na época só tinha os Terreiros do finado Zé Índio e o da finada Baianidê. Eles eram do Ketu, naquela época não existia a denominação Candomblé. Existia somente o nome da

Nação, no caso aqui era o Ketu, mas, tudo parecia ser de Umbanda, eu sempre fui combinando com eles, um visitava a casa do outro.

Mas, o primeiro caruru que foi dado dentro da cidade de Paulo Afonso foi dentro da minha casa, ninguém sabia ainda o que era um caruru, uma festa de Cosme e Damião. Eu que aprendi com minha Mãe de Santo, então ordenei que o dia 27 de setembro seria o dia de comemorar. De lá para cá a festa de Cosme e Damião, é a festa que eu gosto de fazer é a Festa dos Orixás. Arreio as minhas obrigações nos pés do Santo, é uma alegria nesta rua da Alegria.

TUDO É CULTO AOS ORIXÁS

Quando eu cheguei nessa rua, era uma roça, não tinha energia, não tinha nenhuma infraestrutura, não tinha água e eu consegui trazer a água do quartel do Exército até aqui na minha casa. Eu comprei essa uma roça e ainda alojei seis filhos de Santo, aí foi instalado água na casa dessas seis famílias. E eu comecei a to-

car meu Terreiro, abri as sessões graças a Deus, três vezes por semana, terça, quinta e sábado, tinha toque de tambor, desenvolvi muitos filhos de Santo, a maior parte desses filhos hoje estão dentro do Candomblé, saiu da Umbanda e hoje mudaram lá, Deus que abençoe eles todos e nós aqui também, porque tudo é culto aos Orixás.

BAIANAIDÊ E ZÉ ÍNDIO

Eles eram de outras folhas, de outras Nações. Então muitas coisas eles vinham pedir informação pra mim, como era que fazia. Zé Índio só trabalhava mais com esquerda, só gostava mais de esquerda. A Baianaidê trabalhava em tudo, mas também era mais puxado para a esquerda e eu sempre os aconselhava que a esquerda não ia fazer bem pra ninguém porque era só mais destruição. Aconselhava eles, porque foi o que eu aprendi, para nunca fazer o mal para ninguém. Nunca pegar uma vela e acender contra ao nome de qualquer um ser humano. Digo isso, porque desde quando eu cheguei aqui minha vida era pra desmanchar feitiço e fazer tratamentos e curas para as pessoas terem a sua saúde. Agora pra fazer o mal eu nunca aprendi, nem desejo que ninguém nunca aprenda nem nunca faça, porque é dando que se recebe, se eu estou dando Jesus para você, eu estou recebendo Jesus também.

De esquerda se você me perguntar eu sei poucas coisas, porque eu aprendi de esquerda do lado do bem, mas do lado do mal não, que minha

Mãe de Santo sempre me aconselhou assim. Eu com 13 anos de idade fui escolhido para ficar aqui nesse lugar. Eu não tinha família aqui, minha família é toda de Pernambuco, então alguém disse, como é que tu vai ficar aí?!, mas minha Mãe de Santo disse você vai ter que ficar aqui na Bahia, tu vai ter que ficar aqui em Paulo Afonso. Foi aí que me estabeleci neste lugar. Estava predestinado.

Eu fazia as festas e Zé Índio e Baianaidê, vinha com os filhos de Santo dela tudo para minha casa, eu fui ainda duas vezes em festa na casa do Zé Índio, mas quando eu vi muita coisa errada pro lado da esquerda, aí eu digo olha nessas festas eu não venho mais, porque eu não admito judiamento com os animais, então, eu me afastei das festas dele por causa disso, que era só esquerda. Mas aí continuei desenvolvendo filho de Santo, eu tenho muitos filhos de Santo. Aqui tem na minha lista, uns 78 filhos de Santo, só aqui dentro de Paulo Afonso, tem muitos deles já espalhados no meio do mundo, porque eles têm que trabalhar, mas aqui dentro eu ainda tenho 78 filhos de Santo.

Figura 1: Pai Paulo Rezador - Umbanda (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



AS FESTAS DE SANTOS

As festas que eu dou aqui é a de Senhor Ogum, a festa de Iemanjá e de Cosme e Damião. Aqui eu fazia festa que fechava a rua, fazia aqui, pedia licença da Prefeitura e fechava, assim

continua com a Festa de Cosme e Damião, que é a festa maior que tem. Faço o caruru e o vatapá para mais de mil pessoas.

A CURA, OS CUIDADOS, SÓ VIVE SE FOR POR AMOR

As procuras que mais vem aqui pra me ajudar é a questão da saúde e corrente amorosa. Muitos homens e muitas mulheres vêm a procura de corrente amorosa, que é o que mais abala o ser humano, o ser humano se pega muito fácil as vezes com as pessoas erradas e com isso vai sofrendo. Quando eles vêm eu vou analisar o nome de cada pessoa e ver se o anjo da guarda vai combinar para poder eu dizer você vai enfrentar isso ou aquilo, se não combinar eu digo, olha, tu sai fora que essa não é a tua pessoa!

Não é fácil para as pessoas entenderem, porque você está se juntando com uma coisa que você quer muito. Mas, eu já digo logo, olha esse tipo de trabalho eu não faço, aí as pessoas as vezes não aceta minha análise, e corre para outra casa, vai para um Candomblé fazer isso e fazer aquilo, isso foi um feitiço que colocaram.

Quando na corrente amorosa, uma pessoa se afasta de outro é porque não existe o

amor, você vai viver apulso com um homem que você não gosta dele?! Não tem lógica, nem um homem vai viver também apulso com uma mulher que ele não gosta. Tem que ser pelo amor. O amor vem de Deus, Deus é amor, então só vão viver se for pelo amor.

Quando aparece os problemas de gente que veio por problema de saúde, aí eu faço garrafada, faço chá de raiz de pau, trato essas pessoas completamente com as ervas medicinais. Quando é uma coisa mais forte como um tumor, uma coisa mais grave, eu indico que as pessoas procurem um médico pra fazer cirurgia. As vezes até a pessoa chega aqui e diz: ah você tem um Orixá muito bom, então porque você não recebe um Orixá pra operar o povo, eu digo: olha eu nunca tive esse conhecimento de nenhum Orixá que opera, então, eu não faço, eu faço tratamento das pessoas assim com garrafada, com chás, que é o que eu aprendi.

A ROÇA

Eu tenho uma roça na Zona Rural de Glória, quando eu preciso das ervas eu pego lá. Os assentamentos dos Orixás eu fiz tudo na roça porque aqui é muito apertado, eu tinha muito espaço, mas eu saí doando terreno desse lado, ter-

reno desse outro lado pra eu não ficar sozinho, aí eu fiquei com essa casa tão pequena, mas, mesmo assim, tudo dá para mim, quando preciso de espaço vou para Roça.



Figura 2: Adornos de Zé Pelintra que através da Direita de Pai Paulo, atende e ajuda as pessoas que procuram (Foto: Pâmela Peregrino, 2021)

TEMPOS DE PANDEMIA

Já estamos com quase dois anos que não estou fazendo as festas, esse ano não vou fazer de novo. Está entregue nas mãos do Senhor, se as coisas melhorarem eu faço, se não é só a mi-

nhá obrigação mesmo. Não vou correr o risco de colocar nenhuma pessoa exposta para esse vírus maldito. Eu faço somente as oferendas que eles precisam e eu também que é minha obrigação.

OS ORIXÁS, O CABOCLO BOIADEIRO E O CABOCLO CRUZEIRO DA LUZ

Aqui eu cultuo o Senhor Ogum, o Senhor Oxóssi, Senhor Xangó, Iemanjá, Oxum e Iansã, os assentamentos são esses os Santos que faço a firmeza. Mas, eu trabalho muito a corrente dos Caboclos.

Eu atendo as pessoas com meu Caboclo Boiaideiro e o Caboclo Cruzeiro da Luz. São os meus guias que são de confiança para eu trabalhar. Eles são assim, você vem aqui e se você tiver um problema ele vai dizer seu problema

é esse, se não houver problemas eles também dizem. Não vão fazer você gastar dinheiro. Aqui é tudo caridade, são Caboclos de confiança. Cuida das correntes e da cura de quem precisar. Aqui chega muita gente enfeitado da cabeça até o pé e eles curam as pessoas, fecha o corpo e a pessoa fica bom. Agora estou atendendo mais na roça, nas quarta-feira e sábado, são mais ou menos 40, 50 pessoas por dia que são atendidas.

AS DIFICULDADES, PERSEGUIÇÕES E CONFLITOS

Eu tive até muita sorte com a graça de Deus, o preconceito foi até pouco, eu nunca tive problema com a polícia. Porque primeiramente eu nunca toquei até tarde, o atabaque só ia até as dez horas da noite. Quando eu faço as festas o toque é de seis horas da tarde até dez horas da noite. Também nunca tive problemas com meus vizinhos pra ocupar a polícia, porque não perturbava o silêncio, né?!

O silêncio toda vida eu gostei de respeitar porque é o que incomoda os outros. Pre-

conceito até hoje a gente carrega, quando alguém nos chama de macumbeiro, isso é o xingamento mais fácil que a gente leva, é eu, é você, só basta a gente se expor um pouquinho publicamente que o povo segue dizendo: "lá vai um macumbeiro!", dirigiu uma palavra que não sabe nem o que é, mas fazer o que, é a linguagem deles que só sabe falar isso, aí a gente segue aceitando, é isso né!?



Figura 3: Mesa dos Santos e Orixás, tudo junto no mesmo Altar (Foto: Pâmela Peregrino, 2021)



A RELAÇÃO UMBANDA E CANDOMBLÉ

Aqui em Paulo Afonso, Graças a Deus, o Povo de Candomblé tem um grande respeito por mim e eu por eles. São Pais e Mães de Santo que quando me convidam pra uma festa eu podendo, sempre estou presente. É um grande prazer compartilhar esses momentos.

Eu sempre vou nas lutas, mobilizações, festas, sempre ajudo como posso numa festinha de Terreiro, seja ela qual for, com uma alimentação, um refrigerante, um animal. Eu sou Umbanda e se você é do Candomblé eu vou lhe respeitar, eu não sei o seu trabalho no Candomblé porque eu aprendi só Umbanda, Candomblé hoje eu não sei, teve muita gente aqui que era Umbanda Pura e passou pra ser do Candomblé, passou a ser feito lá.

Quando Mabeorô chegou aqui em Paulo Afonso, que ela veio com o primeiro filho de

Santo dela que eu conheci foi dona Luzinete, aí pronto, aí começou a muita gente da Umbanda se passar pra lá, e eu tive bastante proposta de Mabeorô, mas aí eu disse a ela que não, não sou contra o Candomblé, mas eu sou só Umbanda, não posso misturar, ela até me disse assim: não, não tem problema não, você pode ficar com a Umbanda e o Candomblé, eu digo não, pra mim ou é um ou é outro, entendeu?! Eu não nasci pra ficar com esse babado, eu digo, eu quero só de um lado só, aí fiquei. Sempre fui padrinho de vários filhos de Santo de Dona Luzinete, eu sou padrinho de vários filhos de Santo, me convidava, eu ia, precisava de quantos animais? Tantos, tome, entendeu? E sou muito bem recebido por Dona Luzinete e era por Mabeorô, também, graças a Deus.

O MUNDO PRECISA SABER

O mundo precisa saber mais a rezar. Parar de criticar umas as outras. Confiar mais nos Orixás. Eles não nos fazem mal, eles nos ensinam a caridade. E nós temos que fazer quando um está precisado. Ninguém vai a lugar nenhum sem caridade. A melhor das caridades é ajudar um ser humano quando ele está precisado, quando está numa doença, numa depressão, num desespero. Aí que chega nossa hora pra servir. Mostrar que Deus e os Orixás existem, Eles nos ajudam nas curas, são Eles que fazem as curas, nãoos somos nós, nós não somos nada, mas, é por intermédio

de Deus, de Jesus que cura. Aparece tanta gente aqui com mal olhado, espinhela caída, peito aberto, eu rezo em tudo isso. E ainda ensino a cada uma pessoa que precisa. É uma oração, é um chá. Então, eu gostaria muito que o povo se ligasse mais nas Orações que levam a Deus. É um rosário, é um Pai Nosso oferecido aos nossos irmãos para poder ter a força maior e superar qualquer problema. Deus é amor, Deus é Vida e Deus é Poder. Primeiramente é Deus e depois todos os Santos e Orixás, não se pegue só a imagem, se pegue em Jesus que é a força maior. Somente Deus é Poder.





UMBANDA

TEMPLO ESCOLA MATA VIRGEM CASA DE LITURGIA E CARIDADE CABOCLA JACIRA SACERDOTISA KAROLINE MOURA

Nós somos Umbanda Omolokó, uma Umbanda que tem um traço mais africanista pelas nossas raízes, onde os ritos Candomblecistas se encontram presentes, não em sua totalidade, mas com influências. Então possuímos vários rituais que trazem a origem Nagó e Iorubá. Sou Karoline Moura Andrade – sou advogada, Sacerdotisa do Terreiro Escola Mata Virgem Casa de Liturgia e Caridade Cabocla Jacira, o nome ficou esse porque desde a minha adolescência Jacira se apresentava dizendo que iria ter a casa dela e pedia que colocasse o seu nome, se eu não colocasse o nome todo Jacira

ia reclamar. Quando finalmente abri a casa pensei em outro nome, mas tive que colocar o dela, pois havia prometido a ela na minha adolescência. Eu sou filha do Ketu, iniciada no Candomblé na cidade de Passagem dos Teixeira, distrito de Candeias, do Ilê Axé Oyá Tola, da minha Mãe de Santo é Raidalva Santos, cuja dijina é Iyá Ijitundé. Antes disso, minha trajetória é de Umbanda no Terreiro de Umbanda Pomba Gira Rainha das 7 Encruzilhadas. Iniciei com meus 11 anos de idade e já estou com 34 anos. Eu fui atraída pelos tambores e pelas saias. Mas, eu não entendia nada.

TRAJETÓRIA DE TERREIRO

Quando eu entrei pela primeira vez num Terreiro, vi a Mãe de Santo manifestada com Ogum, alguém me disse pra eu tomar uns passes com ela, e eu dizia, com ela? Como assim, se estou vendo 'ele'? E eu somente chorada, nesse dia eu não tomei os passes. A Mãe de Santo, hoje em memória era Romilda Santos de Aracaju do Terreiro Pomba Gira Rainha das Sete Encruzilhadas. Neste Terreiro ficamos

cerca de 14 anos, eu, minha mãe e minha irmã. Nós procuramos o Terreiro por causa de minha irmã que era adolescente na época e vivia desmaiando pelos cantos, mãe procurava rezadeiras e elas sempre diziam que tínhamos que procurar um Terreiro. Depois mudamos de Terreiro por causa de questões pessoais de minha mãe e irmã, eu era adolescente e acompanhava o fluxo da família.

PREDESTINADA A SACERDOTISA

Entrei em outro Terreiro, foi quando a Cabocla Jacira veio a primeira vez. Assim que ela viu a Mãe de Santo, disse que queria obrigação porque eu iria ter a minha casa. Foi quando descobri que ia ser sacerdotisa, eu tinha uns 15 anos. Eu neguei porque olhava a responsabilidade, achava que não era coisa para mim. Fui até conhecer Igreja Evan-

gélica e tudo. Mas, a minha Mãe Romilda dizia, pode ir minha filha, vá conhecer o espiritismo, leia, conheça. Ela sabia que meu amor mesmo era pela Macumba. Ela sabia se eu fosse, voltava. E voltei, ela só me disse assim: "o bom filho a casa retorna, seja bem-vinda de volta". Mas, depois eu saí e vim morar aqui em Paulo Afonso, o que já tem 11 anos.

O VENTO QUE ME GOVERNA

Aí passei um tempo conheci outra Mãe de Santo através de minha irmã. Foi quando comecei minhas obrigações, eu já estava quase terminando quando esse vento que está em mim, porque eu não me governo, eu sou governada, me conduziu para outros lugares e me levou ao Terreiro de Candomblé. Então minha primeira vez eu fui para um Terreiro de Candomblé fazer uma visita técnica, estava relacionado com minha Pós-graduação pela UFBA em Estado e Direito em Povos e Comunidades Tradicionais, aí então cheguei no Terreiro de Mãe Neta, uma

lalorixá do Centro Ogum de Oledéji. Neste dia um de seus filhos de Santo passou mal e gritava desesperado gritando que queria me matar, etc. E aquilo foi comigo. Mas, como sou teimosa fui ver Mãe Neta de novo e lhe pedi para jogar os búzios. E ela me avisou que os búzios indicavam que era pra eu fazer o Santo, e eu com aquela cabeça! Não imaginava! Dizia: mas, o Santo já não está feito? Eu só conhecia o Candomblé de livro, aí fui à feijoada de Ogum na casa dela, aquele dia aquela que me governa me pegou, lansã (Oyá).

Minha Mãe lansã que eu chamo carinho-

samente de Iyá-iyá, quando Iyá-iyá me pegou já dançou, raiou e fez o que quis. E aí Mãe Neta e lansã logo se entenderam. Por isso, sou muito grata a Mãe Neta, tenho muito carinho e respeito. Não sei bem por que não fiquei lá para dar minha obrigação, mas, como eu disse, eu não me governo. Procurei outras pessoas, até porque foi

orientação da própria Mãe Neta, que procurasse outras pessoas, pra ver se confirmava o que ela teria visto. E eu fui para Aracajú e escutei a mesma coisa nos búzios, fui para Cuiabá e escutei também a mesma coisa, com um acréscimo, dizia que eu seria iniciada nos cultos às Mães e eu não entendi o que isso significava.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA E A INICIAÇÃO

Como eu estava na pós-graduação e havia muitos macumbeiros, eles me disseram que o Culto das Mães eram vividos no Candomblé Ketu. Logo procurei o professor Diosmar, ele estava lançando um livro e eu me sentei do lado de uma mulher e conversamos muito sobre o tema. E ela me indicou um livro para ler que era: "o atabaque nas escolas". Nos despedimos e depois fui falar com o professor Diosmar, falei sobre o assunto e ele me indicou uma casa de Ketu que depois eu visitei, ao chegar lá me encontrei com a senhora que tinha sentado do meu lado, ela era a Mãe Raidalva. Digo que entrei no Candomblé nua e sai vestida. Eu entrei lá em junho, e no mês de agosto fiz uns ebós e em dezembro voltei pra casa feita no Santo. E foi assim, que começou minha história no Candomblé como iniciada.

Quando as coisas acontecem é que fazemos a ligação, veja que a minha primeira Mãe de Santo foi a finada Romilda que também foi iniciada no Ketu, mas, tinha a tradição Omolokó, com traços mais africanistas, onde realizamos a camarinha ou bori, utilizamos o contra-egum, guardamos datas e cultuamos os Orixás. Fazemos as imolações, que uma das coisas mais contestadas, há quem chame de sacrifício, mas, é um sacro-ofício. Passei por outros Terreiros, meu segundo Terreiro foi o Centro Social de Umbanda dos Orixás Ogum e Iemanjá da minha Mãe Maria Joselita que tinha tradição em Angola. E agora meu terceiro Terreiro, o Ilê Axé Oyá Tola me preparou no Ketu para finalizar esse percurso de iniciação.

Figura 4: Sacerdotisa da Umbanda Omolokó, Karoline Moura (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



A TRADIÇÃO UMBANDA OMOLOKÓ

Aqui não fazemos Xiré como no Candomblé, algumas vezes meu marido que toca no atabaque, puxa o Ilú para homenagear a Dona da Casa que é

minha Iyá-iyá Oyá, ele toca o ilú para saudar a casa. Mas, Oyá dança no Ilú que for tocado, ela dança nas duas mãos. Onde tiver atabaque ela vem.

AS FESTAS

Iniciamos em 2017 nossa primeira festa publica que foi o tabuleiro de Omolu, no dia 29 de agosto de 2017. Aqui temos um projeto social que é um sopão que distribuimos na comunida-

de quinzenalmente. Paramos depois que fomos acometidos por esta pandemia, mas, esperamos voltar logo. Iniciamos nossa casa com 9 filhos, agora são 53 pessoas, incluindo as crianças.



Figura 5: Taboleiro de Omolu (Foto: Arquivo do Terreiro Mãe Karol)

O VENTO QUE ME LEVOU PARA O KETU ME PERMITIU SE MANTER NA TRADIÇÃO DA UMBANDA

Quando eu me iniciei no Ketu eu já tinha a casa de Umbanda, foi um conflito inicialmente porque algumas pessoas diziam que eu tinha que abandonar a Umbanda, mas, eu pensava como vou largar todos eles que já estão comigo? Como vou largar a Jacira, como vou largar, principalmente, os Exus? Então minha Mãe Raidalva, quando fui dar minha obrigação, me disse: "sua Mãe disse que você vai continuar com tudo que você está fazendo, Oyá tem interesse no lado de cá, porque ela também é daqui, mas, lá você continue fazendo o que sabe" É ela que muitas vezes me orienta.

Eu consigo viver muito bem com essas duas pertenças. Muita coisa eu trouxe para cá

não de forma leviana, mas, conhecendo os fundamentos. Tudo com autorização. Por exemplo, na Umbanda se sabia que não se cultuava Oxalá, se associava Oxalá a Jesus e eu entendia que não. Foi uma surpresa pra mim quando baixou um Oxalá aqui, então eu o vi e o reconheci, e ele me reconheceu. Foi um momento mágico. Então incrementamos algumas coisas respeitando a individualidade de cada um. Eu reconheço o fundamento de um contra-egum, inkáns (okás), o fundamento da imolação. O que eu puder ajudar dentro da minha nação, que eu saiba compartilhar utilizando destas pertenças para a necessidade de cada filho.

A INICIAÇÃO NO KETU COMPLETA A MIM MESMA NA UMBANDA

A iniciação no Ketu completou a mim mesmo na Umbanda, eu me sentia como se estivesse faltando uma peça num quebra cabeça, hoje percebo que depois de minha iniciação no Ketu isto está completo. É como uma jarra que se enche o tempo todo, nunca derramando porque o que derrama é sobra. O Candomblé trouxe explicações que eu não tinha dentro de mim. Eu tinha visões e não entendia o que isso significava. Tem

um ferro aqui que veio em face a uma experiência indígena com os Yawanawás, onde eu participei pela primeira vez de um ritual da ayahuasca antes do Candomblé, eu comecei a ter visões com Oxumaré que para mim não era desconhecido. Eu costumo seguir os mais velhos porque possuem os pés no chão. Então quando fui para o Candomblé é que fui entendendo coisas que eu não entendia. É possível viver completamente com harmonia.

TRANSMISSÃO ORAL E TRADIÇÕES CANDOMBLECISTAS E UMBANDISTAS

Pela oralidade transmitimos os ensinamentos, se alguém chega aqui dizendo que quer ser filho da casa, eu pergunto logo se concorda com a imolação, se alguém diz que não concorda eu pergunto se a pessoa come carne, se ela comer carne eu a mando de volta pra pensar direito, porque ela está com hipocrisia. Mas, se ela está disposta a entender isso, aí a gente conversa. Eu explico para as pessoas como é o nosso regime.

Aqui tem ritual de camarinha, que não faz parte da doutrina da Umbanda de Zélio Moraes, de uma Umbanda de 1908, assim como outras denominações como a Macumba Carioca, Cabula, que dizem que está extinta. Nessa tradição eu busquei Alexandre Cumino (teólogo/Sacerdote da Umbanda), ele é um cientista da religião e eu fiz dois anos de sacerdócio com ele também. Daqui há alguns anos teremos notícias que ele estará no Candomblé, porque ele também está dentro desses estudos. É a informação que ajuda a não morrer. O que mata é a ignorância. O que não for Oró a gente não fala claro, mas, o que pode a gente diz.

Figura 6: Entrega de cesta básica à moradores do bairro (Foto: Arquivo do Terreiro Mãe Karol)



EXU É MEU PROFESSOR

Eu vi que muita coisa na verdade não tinha como fazer parte da minha história, porque eu não tenho como dizer que os rituais são abomináveis, como diz o livro dos médiuns ou o livro dos espíritos. Como é que eu não posso ter um ritual se eu acendo uma vela? E como é que eu vou dizer que eu não posso ter ritual se todo dia a pessoa se reúne naquela mesma hora pra poder abrir o livro pra conversar com um copo com água (Evangelho no lar). Eu passei a me questionar das questões do kardecismo muito presente dentro do Terreiro de Umbanda, então, hoje eu não trago dentro do nosso escopo da religiosidade, dentro do Terreiro a leitura do evangelho, do livro dos médiuns ou do livro dos espíritos, por-

que muita coisa vai divergir daquilo que acreditamos e da forma que trabalhamos, foi onde comecei a me questionar tanto dentro como fora do Terreiro sobre essas questões. Quem quiser ler, leia, mas eu não utilizo. Hoje eu aprendo muito mais com um Exu. Costumo brincar dizendo que meu Exu, seu Sete Gargalhadas aqui é professor, ele quando desce pra conversar, começa a dar aula e ele traz muita coisa, e assim a gente aprende. Meu Pai, seu Sultão das matas, fala muito pouco, mas quando ele fala o negócio é potente, quando ele quer falar dói até na jugular. Hoje aprendemos muito com essas informações, e estamos inseridos muito mais no Omolokó porque é aquilo que eu sempre aprendi.

Figura 7: Plantas sagradas da medicina de Terreiro (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



Taboleiro de Omolu (Foto: Arquivo do Terreiro Mãe Karol)



CANDOMBLÉ

CENTRO OGUM OLEDEJI

IYALORIXÁ OLEDEJI

UMA HISTÓRIA DE IYALORIXÁ DO SERTÃO

Meu nome é Luzinete Francisca da Silva Santos, apelido de Mãe Neta, minha dijina Oledéji. Vivo no candomblé há 42 anos depois de raspada, depois de feita 42 anos, e antes de eu ser feita eu andava para retirar esse Orixá de mim, 11 anos. Então já tem 53 anos que estou no Candomblé.

Mas é uma doidice eu querer tirar meu Santo da minha cabeça por causa de família, que ninguém queria, ninguém queria que eu ajeitasse meu Santo. Por mim eu tinha sido feita com 7 anos de idade, quando comecei a ter problemas, mas não pude, não me dominava, eu tinha que esperar a vontade da família. Mas tudo Deus consente, chegou o dia, Deus esperou e meus Orixás por mim, Deus me deu a vida e meus Orixás esperou por mim e eu estou aqui hoje.

Sou do Candomblé de Angola e me orgulho ser de Angola, muita gente não gosta da Angola, mas eu adoro e sou também do Ketu, meu Terreiro é Angola e Ketu. Então, vivo no Candomblé e vivo muito bem, graças a Deus sou feliz. Tenho felicidade no Candomblé porque vivo dentro dele e tenho meus filhos, hoje eu tenho muitos, não é pouquinho não! A idade está chegando, a fraqueza também, a fraqueza de trabalhar, mas tem uns filhos que me ajudam, Deus primeiramente, e meus filhos... e estou levando o Candomblé ainda. E com fé em Deus eu vou levar até o dia que Deus quiser e Ogum.

Eu adoeci quando completei 7 anos de idade, foi passando o tempo, eu doente, doen-

te... aí quando foi um dia chegou uma mulher de Aracajú, comadre da minha mãe, e disse: 'comadre, a senhora não pode cuidar de Neta, deixa eu levar ela pra Aracaju, a despesa por minha conta'. Aí minha mãe disse: 'não, ela não vai pra nenhum lugar, se um dia ela casar e o marido aceitar tratar dela nesses lugares, tudo bem, se não aceitar por mim pode morrer, mas levar pra esses lugares eu não quero'.

Quando eu já estava com 15 anos de idade, já tinha sofrido muito, esses anos todos e continuei sofrendo. Me casei com 21 anos de idade, o marido não queria nem ver falar também. Aí pronto, acabei sofrendo mais ainda, aí o sofrimento aumentando, eu tinha dias que não conseguia fazer nada, passava o dia deitada, outros dias corria pra um canto e pra outro, o povo corria atrás sem saber onde eu estava, mas até que chegou o dia da família aceitar, e com a doidice, me levaram para casa de uma Umbandista pra fazer um trabalho.

Lá me fizeram um trabalho, era um zelador, eu melhorei, mas ele me disse logo: não posso fazer nada porque aqui não faço feitorio, só posso ajudar no que dar, então, ele me ajudou muito, melhorei bastante, só não fiquei boa de tudo.

Depois com o tempo chegou aqui em Paulo Afonso, um homem do município de Capela, Alagoas, e eu fui lá para ver se ele retirava de mim esse Orixá. Eu disse: tenho minha família, e eles não aceitam. Ele disse: eu posso reti-

rar, mas, vou dizer, a senhora fica boa de tudo, mas não sei se é com 1 ano, com 2, com 8 ou com 10, mas, quando voltar, nem ele, nem mais ninguém dá jeito.

Aí eu pensei, pensei... digo: não. Deixe assim, no dia que eu puder eu zelo deles. Eu tinha já quatro filhos, meus filhos precisam de mim, do jeito que eu estou e do jeito que eu sou, eles pre-

cisam de mim, no dia que eu puder eu me faço no Santo. Então, chegou o dia, aí depois que ele me disse isso passou uns dias, aí eu disse: ora, quem precisa de mim é eu mesma. Não pode ser marido que queira, ou mãe, ou parente algum, quem tem que querer sou eu. Aí parti para Aracaju, fui, raspei no Santo, graças a Deus já estou com 42 anos de Santo feito.

A BUSCA DE CURA EM ARACAJU

Eu saí de casa um dia de domingo e cheguei na casa de uma amiga apulso, me deitei numa cama e dormi, quando acordei a casa estava cheia de gente, eu tinha feito uma bagunça, eu fiquei muito envergonhada e só chorava, aí pedi pra Tereza falar com o compadre Eronilde, para entrar em contato com Clodoaldo para eu ir para Aracajú fazer minha obrigação, não me importo mais com a opinião da família, eu que tenho que gostar de mim. Aí tinha uma amiga que me disse para eu procurar a Casa de dona Marlene, que morava no Bairro Américo, dizem que ela está em primei-

ro lugar em Aracajú. Três dias depois eu fui para Aracajú para casa de Clodoaldo, que me ensinou como chegar no endereço. E eu pensava, o lugar que eu chegar que me disserem o meu Santo certo é lá que eu fico. Quando cheguei lá ela me disse: seus Santos são Ogum, Iemanjá e Oxóssi. Eu disse: é aqui mesmo que vou fazer os meus Santos. Isto aconteceu em 1978, em agosto de 1979 eu fiz o Santo. Passei 33 dias em Aracajú dando minha obrigação. E isso me deixou muito feliz, só tenho a agradecer a Deus e os Orixás que me curaram. Sou muito feliz.

Figura 8: Iyalorixá Oledeji - Mãe Neta (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



MINHA CASA DE SANTO

Quando em agosto de 1978 ela me disse meus Santos certinhos, eu já sabia quais eram, voltei para casa e fui logo procurar o lugar de fazer a Casa dos Santos, comprei aquele terreno que era lá no centro de Paulo Afonso, fui construindo, era dezembro de 78, e quando cheguei em Aracaju a Casa dos meus Santos já estava pronta. Então, no dia 03 de fevereiro de 1979 entrei de quarto e saí no dia 27 de janeiro de 1979, fiquei o tempo que ela tinha marcado.

Quando retornei para Paulo Afonso, apareceram 18 filhos de Santo de minha Mãe Marlene, para ajudar a abrir minha casa, porque eu até então, não tinha nenhum filho de Santo. Meu padrinho na época, foi até a delegacia pedir permissão para eu fazer o toque e abrir a Casa, porque havia muitas pessoas que não queria aquilo lá e fizeram até abaixo-assinado pra não ter casa de Santo ali. Mas, meu Pai Ogum era forte.

A polícia sempre ia lá em casa, aí meu padrinho, que era sargento da polícia, foi falar

com o delegado de polícia e pedir para darem uma força, porque as pessoas não queriam uma casa ali. Aí tinha um policial, seu Louro, que depois ficou sendo filho de Santo meu, dava uma grande força. Aí graças a Deus, ninguém nos aborreceu mais. Depois que meu marido faleceu, eu me mudei para a Barroca, que é onde vivo até hoje. Eu queria fazer assim: fazer minha roça para os meus Orixás, meus Santos, para ficar de lembrança para o mundo. Aí comprei um terreno na Barroca, um bairro de Paulo Afonso e construí a Casa dos meus Santos. Então, agradeço a meu Pai Ogum e a Deus por ter me dado a graça de eu fazer o meu Santo e ficar boa. Eu queria que quando eu partisse ficasse uma Casa de Santo aberta, para que os filhos lembrassem e continuassem, mas, meus filhos biológicos nunca aceitaram a minha condição. Nunca aceitaram que eu fizesse minha Casa de Santo. Aí eu decidi fazer a Casa de Santo na Barroca e deixar a casa da Rua em Paulo Afonso de herança pra eles.

NA BARROCA DE PRETO TEM EXU

Lá na Barroca quando eu cheguei só tinha minha casa de Candomblé. Tinha Umbanda também, várias casas, tinha também mesa branca, mas, Candomblé só era o meu mesmo. Eu escutei quando coloquei minha casa de Candomblé, a Umbanda dizer: que Mãe de Santo nova, não estava com nada, acusava que eu não fazia festa de Exu. Mas, Exu, nós cultuamos, mas, só não fazia festa porque meus Pais de Santo não faziam. Toda vida eu trabalhei com Exu, mas, só nunca fiz festa exclusiva pra ele. Hoje eu tenho no barracão o lugar certo de fazer as festas de Exu, o lugar de fazer festa para os Caboclos, e o barracão, lugar das festas dos Orixás. Como no outro bar-

racão eu não tinha lugar pra fazer a festa de Exu, meu Pai achava que não podia fazer no barracão dos Santos. Hoje graças a Deus, no meu barracão tem espaço pra todos. Aqui em Paulo Afonso, no começo ninguém queria saber disso, hoje já tem muita gente abrindo suas Casas de Santo. Eu entrei por causa da precisão, quando o Santo quer levar a gente, leva de qualquer jeito. Depois do Santo querer ou a gente faz ou desaparece do mundo. Se o Orixá não faz, coloca quem faça, eles saem da frente e deixa os escravos (Exus), e Exu não tem dó de ninguém, joga no mato, joga onde eles querem. Mas, quando eu fiz meus Orixás, nunca fui maltratado por nenhum.

AS FESTAS DE SANTO

A festa que eu costumo fazer é de Ogum, em junho, e a de Cosme e Damião em setembro, a de Iansã em dezembro, a de Iemanjá em fevereiro e 27 de abril tem a festa de Oxóssi. Os Santos de minha cabeça são Ogum, Iemanjá e Oxóssi. Então

tem outras obrigaçõeszinhas que a gente faz, a de Omolu, que é dia 17 de dezembro, 16 de agosto a gente toca pra esses Orixás, mas não faz festa diretamente, faz uma obrigação. Então eu agrado todos os Orixás e fico bem Graças a Deus.

OS FILHOS DE SANTO QUE JÁ SÃO MÃES E PAIS DE SANTO

Tenho muitos Filhos de Santo, alguns até já faleceram, como a finada Bebê, foi a primeira, foi uma das primeiras que recebeu cargo lá em casa. Depois foi Silvia, veio Edneusa, veio Betânia, veio Linda, depois foi Jurandir, aí vem Raimunda, veio Josa, veio Rose, e tem um bocado,

mas o que eu lembrei são esses, que eu tô lembrada eu acho que são esses. Edneusa foi logo cedo também, Edneusa é filha de Santo e filha biológica. Essa recebeu deká depois dos 7 anos, passou por yaô, sendo yaô sete anos, depois foi que recebeu o deká.

CABOCLOS E PRETOS VELHOS

Meu Pai de Santo, dizia que no Candomblé cultuava-se os Caboclos, menos os Pretos Velhos, mas, meu Pai Pequeno, me orientou dizendo pra eu cuidar deles se não iam se embora e abandonavam os filhos. Aí comecei a ajeitar os Pretos Velhos e nunca deixei. A Preta Velha que me acompanha é Vovó Felícia, mas, eu não era de receber porque tinha muito uso de cachimbo,

aí deixo mais pra os novos receberem, né!? Os Caboclos nós festejamos, fazemos Gira de Caboclo, inclusive eu agora tenho uma festa pra dar pra Caboclo, uma promessa que fizeram. Adoeceu um filho meu desse problema do Covid 19 e ele ficou bom, agora quer dar uma festa para o Caboclo Boiadeiro, esse filho é Paulinho, que é o Pai Pequeno da Casa.

SEU ZÉ FERREIRA, UM ENCANTADO DE LUZ

Eu ainda morava em Paulo Afonso, e aí estava numa festa cortando pra Caboclo, meus Pais de Santo estavam presentes, quando veio um Encantado por nome de Zé Ferreira, ele, que não era nem caboclo, nem Preto Velho, era um mensageiro. Foi assim que ele se apresentou.

Então, é um Encantado que todos gostam, tem gente que faz promessa pra ele, e ele ajuda a quem precisa. Tem muitos pontos que ele canta, ele se apresenta também como sendo do Ceará. E até hoje estou com ele na minha corrente, só sai quando eu morrer, né!?

O HERDEIRO DO SANTO EM MINHA CASA

Paulinho é Pai pequeno, e é o substituto da casa, algumas pessoas diziam que não poderia passar a tradição do Candomblé para um filho mais novo, mas, os meus filhos de Santo mais velhos, todos já têm casa. Edneusa mesmo era a primeira a ser herdeira, mas, já tem um Terreiro, aí não dar para misturar as famílias porque pode haver muito ciúmes. Tinha Silvia, mas, também tem Terreiro, e muitos outros que tem deká tem Terreiro.

Paulinho quando chegou na minha casa estava com 10 ou 12 anos de idade, hoje ele está com 46 anos, é velho de casa, a mãe dele é a Mãe Pequena da minha Casa a 36, 37 anos. Então para mim, eles são velhos de Casa. Teve um tempo

que Paulinho foi para Salvador, ele não era feito ainda, voltou bastante doente e me pediu para dar obrigação, eu fiquei surpresa. Eu perguntei que obrigação ele queria, ele disse uma antes da feitoria, eu disse: então, vamos fazer um Ibosé, ele passou sete dias de quarto. Passou um tempo, foi embora para Salvador, e lá adoeceu novamente, voltou dizendo agora eu quero a obrigação completa, o feitorio. Então ele fez o Santo aqui, já na Barroca, eu o raspei. Ele hoje ficou bom dos sintomas que ele tinha, graças a Deus. Agora trabalhando pra região de Manaus pegou essa doença do Covid, ficou muito doente, foi entregue nas mãos de Deus e de Ogum, ele ficou bom e quer pagar a promessa dos Caboclos.

A SUCESSÃO E OS ORIXÁS

Eu estou nessa idade e nunca vi os Orixás chegaram diretamente para mim. Nunca vi um Santo meu chegar pessoalmente na minha frente, eu tenho a intuição e eles chegam em sonhos. A Preta Velha por exemplo, chegou em sonhos, meu Pai Ogum sempre veio a mim em sonhos. E então, ele veio duas vezes a mim dizer que queria Paulo como seu herdeiro, disse que Paulo era quem ia tomar conta desse Terreiro quando eu saísse desse mundo. Foram duas vezes, eu disse: vou esperar a terceira vez,

nas três vezes eu anuncio. Mas, nunca me chegou a terceira vez. Então eu disse: quem vai tomar conta desse Terreiro vai ser Paulo, porque foi ele que Ogum me indicou. E ele vai ficar até chegar na idade que eu estou e passar também para outra pessoa. Então já peguei pesado com ele, e disse: venha se embora tomar conta da Casa. Eu digo tem que vir logo, já está no tempo de lhe entregar. Então ele diz: é mãe aguente um pouquinho para poder eu ir de vez e se aposentar. Eu só estou esperando.

O CANDOMBLÉ MAIS VELHO DE PAULO AFONSO

Paulo Afonso tinha muita Umbanda, quando eu coloquei meu Candomblé não tinha outros Candomblés antes, sabe? Mas, depois só ficou o meu. Eu trabalho até hoje, tem muitos filhos e filhas que já tem suas Casas de Santo, eu só vou deixar de trabalhar

quando eu não arrastar mais os meus pés. Eu faço os trabalhos, é difícil eu perder um, perco porque vocês sabem, só recebe a graça espiritual se merecer. Então desde 1979 tenho minha Casa, servindo a quem precisar e dela procurar.

AS ERVAS E SUAS CURAS

As ervas eu uso todas, todas as ervas, em primeiro lugar a folha da costa, que é a principal do Candomblé, que a gente faz qualquer tipo de trabalho com ela como, o bori, um feitorio, tudo. A folha da costa é a principal, e as outras eu uso todas, todas as ervas eu uso, dependendo do Santo também. Eu trabalhei muito pra amor, mas deixei de trabalhar porque é um trabalho puxado e a gente tem que ter hora pra tudo. E aí eu deixei que não posso marcar hora de trabalho todo dia, que eu tenho outras coisas pra fazer,

não gosto de trabalhar pra amor por isso, que as horas é marcada, se começar nove horas tem que ser todo dia aquela hora. Eu gosto de trabalhar pra gente doente, a gente faz uma limpeza de corpo, limpeza de egun, qualquer limpeza, e então, a gente ver o resultado da pessoa ficando boa. Isso é bom. Não gosto de quem faz mal ao próximo, tem gente que faz serviço pra maltratar uma pessoa e isso é triste, meu trabalho é pra retirar essas coisas, retirar um serviço de uma pessoa que as vezes está até morrendo.

AS ENCRUZILHADAS

Eu tenho muitos trabalhos que dependo do rio, pra retirar egum, eu gosto muito do rio. As encruzilhadas eu uso porque é morada de Exu, então entrego a Exu o que precisa pra curar aquela pessoa. Não gosto de fazer serviço em Cemitério, mas, nas matas, eu gosto muito. Você faz um serviço e lá fica. Mas, o que eu tenho de resolver em casa eu

resolvo. O que tiver de fazer eu faço e mando entregar nos lugares que precisa, no rio, nas matas, nas encruzilhadas, onde for. Agora tudo está ficando longe, tá difícil até de achar uma encruzilhada, Paulo Afonso está crescendo, ficando muito urbana, então as esquinas são calçadas das pessoas, aí tem que colocar longe das pessoas.

EU ENTREGO TUDO A DEUS

Eu entrego tudo a Deus, tudo que é ruim. O povo diz: porque você faz isso, tudo que é ruim você entrega a Deus? Eu digo: porque Deus é um Pai que pode com tudo, só Deus é quem pode com tudo. Que Deus abençoe, tanto faz ser do Candomblé, como não ser, como ser

de qualquer religião, evangélico, católico, o que for. Desejo que Deus abençoe e dê vida e saúde a todos, a todos os filhos de Deus, que todos nós somos filhos de Deus. O bom e o ruim, são filhos de Deus, e Deus abençoe a todos. Deus é quem resolve tudo.



Mãe Neta excorporada no Orixa Ogun (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



CANDOMBLÉ

ABASSÀ DA DEUSA OXUM DE IDJEMIM IYALORIXÁ IDEJEMIM

Eu sou Edneusa dos Santos Souza, sou Iyalorixá e minha djina é Idjemim, sou do Candomblé Ketu/Angola/Jeje, minhas correntes são compostas por Oxum, Oxóssi e Iansã, com a Cabocla Jurema e

com Conchinha Dourada, que é uma Erê. Oxalá na minha corrente faz parte. Já nascemos com Oxalá. A minha nação é Ketu e Angola mas não significa que eu só devo cultuar Ketu e Angola.

O INÍCIO DE TUDO

Eu vivia no Centro de minha mãe, era lá que eu queria estar, não queria exercer outra função, se não se manter lá no Centro de Oledji. Eu já recebia uma Cabocla chamada Jurema, que me pediu pra fazer caridade para as pessoas. Comecei atendendo no mesmo Centro da minha mãe, e depois eu comecei a fazer num terreno que eu tinha aqui pegado com a minha moradia. Ajeitamos um espaço e aí comecei a fazer as consultas no meu quintal, a pedido da Jurema, ela queria fazer suas caridades. E a partir daí, tive que colocar o meu Abassà.

E aí, tinha um rapaz que frequentava minha casa, filho de Alzení, chamado Ravel, que ele dizia

que eu ia ser a Mãe de Santo dele, ele me queria como Mãe de Santo dele. Ele dizia que quando eu colocasse o meu Centro ele seria o primeiro filho. Eu tinha também uma pessoa que era uma amiga chamada Neném que me pediu pra colocar um Centro porque ela queria que eu fosse sua Mãe de Santo. Então, com as consultas da Jurema, ela foi trazendo o meu Povo, era esse povo que queria que eu montasse o meu Candomblé, que eu abrisse uma casa. E aí eu resolvi abrir o meu Terreiro de Candomblé. Mas, para chegar até aqui foram muitos problemas e provações que eu tive que passar. Hoje eu amo a minha casa, eu amo as pessoas que frequenta ela.

O FEITORIO DE FILHOS PARA TOCAR O CANDOMBLÉ

Dei obrigação a um povo no qual foi cargo pra me ajudar a levar esse Candomblé, hoje eu tenho uma Mãe Kota, tenho Mãe Pequena, Ekedí, Pai Pequeno, Ogan. E já dei obrigação a vários filhos, então, hoje eu já estou com minha casa montada com tudo que tenho direito, exercendo

minha função de Iyá Idjemim. Faço o que gosto hoje, e eu amo a minha religião, aprendi a amar, porque eu acho que as coisas tem que acontecer de um jeito que não precisamos seguir o outro, tem que aprender a amar, para ser uma coisa segura e eu aprendi a amar.

UMA RAIZ QUE JÁ TINHA ACABADO

Eu aprendi a amar a religião estando, adoro o que eu faço e adoro os filhos que a Oxum me deu, todo eles, amo, cada um com uma qualidade, com um defeito, mas eu adoro os meus filhos. Uma coisa que a Jurema me pediu é que eu resgatasse uma raiz que havia se perdido há muito tempo, porque a nossa religião sofre preconceito, sofre também com Pais de Santo caloteiros, e aí ela pediu pra eu ser o máximo que eu pudesse ser, verdadeira e honesta, e eu faço o possível pra obedecer ao pedido dos meus guias. A gente

tem que tentar, porque são muitas tentações pra que você saia do seu caminho, e aí você tem que ser firme, e eu tento fazer o que meus Orixás e o que a Cabocla Jurema me pedir, ser honesta ao máximo que puder, e resgatar aquilo que já tinha se perdido, que é uma raiz. A Jurema já foi muito desprezada dentro do Candomblé, sofre bastante preconceito porque era uma Cabocla mulher, meus Pais de Santo queriam que eu recebesse um Boiadeiro, um Caboclo desses. Mas, a Jurema veio pra ficar. Não teve jeito.

OS PRECONCEITOS E A DEPRECIÇÃO DO CANDOMBLÉ

O Candomblé sofre bastante preconceito, e tem muitos Pais de Santo que é de ajudar e mostrar a beleza de nossa religião, que é boa. Mas termina é aumentando ainda mais o preconceito das pessoas, com o jeito desonesto, corrupto e caloteiros de alguns, existe muito isso. Mas aprendi também que não é só na religião do Candomblé, toda religião existe esse tipo de gente, só que a religião do Candomblé é mais aberta, aí as pessoas se expõem mais e então, se torna mais perseguida. Mas, como

toda religião, tem acertos e seus desacertos, eu vou me manter firme até o dia que Deus quiser na minha religião, com fé. Hoje eu trabalho, gosto do que faço, gosto dos meus trabalhos, me sinto útil e sinto que eu estou fazendo algo que os Encantos me pedem e isso me dá mais prazer, ter a obediência com o Orixá. Porque se você entra numa religião, você tem que entrar para obedecer aos guias, são os Orixás. Se entrar, tem que colocar os dois pés dentro, tem que entrar de cabeça.

Figura 9: Iyalorixá Edneusa (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



O FUNCIONAMENTO DO ABASSÃ

Nós temos o Xirê que é a Gira de Orixá, na Gira começamos a abertura cantando para Exu, pra pedir licença e deixar o ritual tranquilo, sem perturbação. Depois seguimos cantando de Ogum a Oxalá. É na gira que desenvolvemos as correntes do médium, quem tem corrente é pra ser desenvolvida.

Temos também as Giras de Caboclos e as Giras de Preto Velhos. As giras de Preto Velhos é mais pouco, porque no Candomblé das minhas águas não se cultuava Preto Velho, mas, no meu Candomblé a gente começou a fazer umas giras cantando para eles, porque são muito importantes na nossa cultura.

Tudo isso está para ajudar a desenvolver os médiuns, que também se chama de rodan-

te, aquela pessoa que recebe Santo, os guias. No desenvolvimento são muitos que descem numa pessoa só, mas, o Xirê é para ajudar a disciplinar isso, pra o médium receber aquele Orixá que está na frente da cabeça do médium. No desenvolvimento, o médium pode até querer aquele Orixá que melhor se identifica, mas, só fica nas correntes dele o Orixás que escolher ele. É o Orixá que escolhe o filho e não o contrário. A gente que está disciplinando, deixa aberto para que o filho receba, se entregue e o seu Orixá regente lhe tome. As vezes tem guerrilha de Orixá, e precisa muito desenvolvimento, até que depois a gente confirma nos búzios quais são os Orixás regentes daquela pessoa.

AS CARIDADES DA CABOCLA JUREMA

Na minha casa tem as caridades feitas pela Jurema. A primeira coisa para resgatar o Candomblé de raiz que tinha se perdido era fazer as caridades. Penso que toda casa de Candomblé deveria ter um espaço para fazer as caridades. Como a Jurema já tinha me pedido isso, a agente escolheu um dia na primeira quinta-feira do mês para fazer os atendimentos. São consultas e curas, onde não são cobrados valores, quem pode trás fumo, vela, frutas, o que a pessoa achar que os Caboclos merecem. Eu faço essas coisas com muito prazer, quando são os guias que me pedem eu tenho que obedecer, se não como vou levar meu Candomblé com a verdade?! São eles que me dão a vidência, o conhecimento. Por mais que exista estudo, mas, não tem comparação o estudo dado pelo próprio Orixá, ou próprio Encantado. Agradeço aos meus guias todos os dias, eu amo as minhas correntes.

Através das consultas, a Jurema faz as cari-

dades. Ela demora na incorporação o tempo que for preciso para atender a todas as pessoas. Ela reina naquele momento, ver o que a pessoa precisa e merece, ela passa os trabalhos de limpeza que a pessoa precisar. Ou ela mesma faz aquele trabalho de limpeza, de cura. Ajuda os aleijados, dores de cabeça, coluna, doenças físicas, mentais ou espirituais. Vários casos já foram resolvidos, graças foram realizadas e promessas cumpridas.

A Jurema faz parte de minha corrente, ela demorou muito tempo para vir, veio quando eu estava preparada para recebê-la, não é um Encantado que desce fácil numa pessoa. Mas, o que percebemos é que ela caminha combinada com Oxum. Ela veio como uma Cabocla, mas, veio num Terreiro de Candomblé, então, ela no Candomblé segue a doutrina dos Orixás. No meu caso, ela tem a Taba dela, o território dela e, ela reina como uma Cabocla, mas, quando ela vem no Candomblé ela respeita a doutrina.

O TERRITÓRIO DA JUREMA

Quando a Jurema mandou vir para a minha casa e preparar o lugar dela para fazer suas caridades, ela conversou com Alzení, que é a Mãe Pequena de meu Terreiro e lhe pediu para preparar a Taba dela. Aí pegamos um terreno da minha casa e Alzení construiu a primeira Oca da Jurema, preparou e ela começou a fazer suas caridades e disse que aquele lugar ficaria um lugar sagrado, ela consagrou este lugar e cada dia, ele fica mais sagrado. Mas, a Jurema não faz as caridades somente no território dela, a Jurema leva a gente para outros lugares, para matas e rios. Ela indica o lugar e até desenha no chão o lugar onde a gente vai para fazer as curas, e quando a gente procura, encontra do jeito que ela ensina.

A linguagem da Jurema é uma linguagem de Caboclos, ela as vezes fala na língua e quem já está acostumado com ela vai aprendendo, tem as pessoas de confiança, Daniela minha filha, é uma das pessoas que fica junto da Jurema quando ela está na consulta, porque traduz o que ela

diz, ela vai ensinando para as pessoas o significado das palavras. Eu tenho pessoas de confiança porque a incorporação quando ela vem é completa, eu durmo, não lembro de nada. Mas, ela escreve no chão, desenha, mostra e orienta. As vezes as matas ficam em lugares distantes, matas fechadas, com espinho, pedras, peso para carregar as coisas, carregando água, é sempre algum lugar na zona rural, no sítio de alguém, mas, a gente não mede esforços e vai lá e acha o lugar do jeito que ela ensinou. Ninguém mede esforços porque tudo que ela promete ela cumpre. Todo problema que ela disse que iria resolver, ela resolveu. Nada que a gente faça por um Orixá ou Encantado é demais, porque a gente recebe as graças que precisamos. A Oca da Jurema é lugar de atendimento e cura, quando não é possível fazer lá ela orienta o lugar. Ou mesmo ela orienta a trazerem uma erva de algum lugar, ela ensina, a pessoa costuma encontrar e trazer para as coisas que ela precisa.

MINHAS CORRENTES

Eu amo as minhas correntes que são formadas por Oxum, Oxóssi e Iansã. Para quem não conhece existe essa combinação. São correntes pra trabalhar pelos próprios guias, eles se juntam e trabalham aquele médium e ajuda aquele médium a melhorar seus

caminhos, a melhorar na vida, se tornando melhor. Eu trabalho para que todos do meu Abassã entendam isso, não é apenas para o médium trabalhar, mas, para os Orixás trabalharem na vida da pessoa e elas se tornarem pessoas melhores.

O TERRITÓRIO DO ABASSÃ

Eu tenho o barracão que é o lugar onde pratico as festas dos Orixás e Caboclos. É o lugar que mais uso, faço as limpezas espirituais que as pessoas precisam. Tem o quarto de Exu, onde são feitos os trabalhos e limpeza que pre-

cisa fazer com a parte deles. No território da Jurema fazemos os trabalhos de Caboclos. Então existe esses três territórios no Abassã. Para além do Abassã, tem o território do Tempo, eu digo Tempo, porque trabalhamos em territórios



Figura 10: Festa de Oxum no território das Águas do Rio São Francisco no Bairro Barroca (Foto: Driele Mutti, 2021)

de todo mundo, como as matas, as beiras de rio, as encruzilhadas, os cemitérios. A depender da necessidade se utiliza qualquer território desses.

A gente precisa de uma mata, onde a gente vai buscar os Orixás e Encantados das matas, tanto Orixá, quanto Caboclo. Na mata tem de tudo, tem o bom e tem o ruim, tem Exu, tem tudo. Eu demo-

rei muitos anos aprendendo esses ensinamentos, tudo que eu estou falando aqui não foi um livro que eu li, mas foi ensinamento que foi dado pelos próprios guias, pelos próprios Orixás e pelos próprios Caboclos. Por exemplo, eu achava que Exu só tinha em encruzilhadas, estradas, Exu existe nas matas, nas águas, cada lugar desses tem de tudo.

EXU – GUARDIÕES DOS TEMPLOS

"Associar Exu ao mal é algo muito errado, o mal está dentro da pessoa que procura Exu pra fazer o mau" (Mãe Edneusa, 2021).

No candomblé esse negócio de associar Exu ao mal é algo muito errado, o mal está dentro da pessoa que procura ele pra fazer o mal. Exu está lá nas matas, nas encruzilhadas, nos rios, nas ruas, esquinas, ele quer ganhar, e ele

ganha pra fazer dentro do que você quiser o bem ou o mal. Então eu acho que o mal é a pessoa e não o Exu. Quem escolhe o que você quer é você mesmo, as escolhas são suas. Se escolhe fazer o bem eles fazem o bem.



Figura 11: Cortejo da Festa de Oxum do Terreiro de Idjemim (Foto: Arquivo Alzení Tomáz, 2022)

UM ENSINAMENTO E O ABASSÃ

Eu preciso dizer para as pessoas, que não julguem antes de conhecer. A religião está aberta para todos que querem entender. O candomblé tem que ter direito de existir, de ser o que é, sem ter que ter medo da discriminação alheia, ou das ignorâncias e violências. O meu Abassã tem um território pequeno, mas, ele é grande no coração, recebemos todo mundo que queira entrar, vir, assistir, amo meus filhos de Santo, meus clientes, onde todo mundo fica satisfeito com o trabalho. Fico muito feliz quando as pessoas recebem uma graça e fica feliz.

Eu não peço riqueza da Oxum, só peço a ela que me trabalhe para eu criar meus filhos, ter disposição e saúde. Essa situação que a huma-

nidade está passando é uma coisa muito grave, a Oxum avisou que é gravíssimo. Mas, eu confio muito nos meus guias, é algo que precisa ter muita fé em Deus, tem que ter muita positividade. Eu sou do Candomblé e tenho muita confiança em Deus em seu Filho Jesus que veio a terra. Eu me espelho na história de Jesus na terra. Você tem que saber que os Orixás e nem Deus tem obrigação de cuidar de você, se você não fizer por onde Eles lhe ajudarem. Temos que se proteger e evitar o perigo, isso é nossa obrigação. Se proteger e proteger aos outros. Evitar o contágio como no caso do Covid 19, tem que usar a máscara, o álcool gel, se manter distante. A vida é bela e é única, temos que cuidar dela.

Figura 12: Festa de Oxum – Abassã da Deusa Oxum de Idjemim (Alzení Tomáz, 2021)



Imagem de Oxum na Festa em 2020 – Belvedere (Alzení Tomáz, 2020)



CANDOMBLÉ

ILÉ AXÉ PALÁCIO DE OGUM BABALORIXÁ TANQUINANDÉ

E sou Jurandir dos Santos, Babalorixá do Ilé Axé Palácio de Ogum, minha djina é Tanquinandé de Ogum, sou feito na Casa de Oledeji. Minha trajetória no Candomblé foi assim, primeiro eu fui batizado na Umbanda, passei pela igreja evangélica, sai e fui para o Candomblé. A gente passa por isso por causa da necessidade de saúde. Mas, quando cheguei aqui na Umbanda eu fiquei cismado com o jeito. Você sabe que índio é cismado. E eu sou índio de Atikum de Per-

nambuco, achei diferente a coisa, porque eu não achava que as coisas tinham de usar muita bebida, eu não aceitava. Aí fui para a igreja evangélica, mas, o caminho não estava bom, eu tive que sair da igreja porque tudo ficava cada vez mais atrapalhado., os caminhos fechados, um esmorecimento, nada funcionava, quando eu era de Santo, nada me faltava, eu tinha mais disposição. Aí vi que a igreja evangélica estava me atrasando. Tinha algo que não batia.

A CASA DE OLEDEJI

Então foi um tempo que eu fui à Casa de Mãe Neta, ela estava fazendo a obrigação dela de 14 anos, ela já estava saindo de Santo, de Ogum, era uma obrigação grande. Quando eu vi a saída de meu Santo, eu lembrei que tinha feito um pedido na encruzilhada, se fosse pra eu ser evangélico que Deus me ajude, se se eu for de Santo me mostre o caminho. Ai, quando eu vi o Ogum de Mãe Neta, escutei o Ilá de Ogum nas encruzilhadas. Ogum tinha me pegado, ele tinha dançado. Depois eu fiquei cis-

mado e viajei para Salvador para casa de uma tia, eu achava que tinha algo muito errado. Bom, mas, foi na casa de minha tia que aconteceram coisas como: era meia noite, quando senti e vi a presença de Ogum conversando comigo em sonho, ele sentado na cama, me disse: "Jurandir, você sabe que tem missão, porque você foge? Você está fugindo". Eu disse, mais meu Pai, eu não sabia que tinha missão. Ele disse: "volte, seu negócio é no Terreiro!". E eu fui e estou até hoje.

A SAÚDE DE TERREIRO E A OBRIGAÇÃO NO SANTO

Eu só vivia doente quando estava na igreja evangélica, porque ali não era meu espaço, era uma coisa horrível. Então, foi quando voltei de Salvador, falei com Mãe Neta, aí ela fez meu Santo, deu minha obrigação, vesti meu Santo, ela e o meu avô Murtalenã, que era

o Pai de Santo dela, foram os dois que fizeram meu Santo, lá no Terreiro quando era ali no centro de Paulo Afonso. Passou-se uns tempos e dei minha segunda obrigação com sete anos. Então nos sete anos já dei a obrigação aqui na minha casa mesmo.

AS DIFICULDADES NA PRÓPRIA RELIGIÃO

Depois que eu fiz o Santo fui muito perseguido dentro da própria religião. Isso é muito ruim. Fui muito perseguido, porque eu vinha de uma tradição, inclusive como índio Atikum, mas, eu superei, continuando como a força de meu Pai Ogum. Eu nunca mudei de casa, minha casa

sempre foi e será a casa de Oledéji, porque Ogum é fiel, pode sofrer o que for, ele é fiel. Não preciso ir para outro Axé. Santo que é feito em uma casa, não pode ir pra outra casa, isso porque Santo só se nasce uma vez, não nasce duas, três... eu creio que seja assim.

O PALÁCIO

Minha casa era em outra rua aqui perto, e se chamava Ilé Axé de Ogum, aí quando me mudei para cá, o Ogum me disse que eu tinha que colocar Palácio de Ogum, aí eu fiquei assim, como pode meu Pai, se é um Terreiro tão simples, o nome palácio numa casinha tão simples! Mas, ele disse é "palácio"! Eu então, disse, como posso desobedecer às ordens de meu Pai. Então, ficou o nome Ilé Axé Palácio de Ogum. E graças a Deus já fiz

muitos filhos, tudo espalhado por ai a fora, o Santo me ajudou bastante, não posso reclamar. Nós sabemos que todas as religiões têm pontos positivos e negativos, acontece que temos que absorver os pontos positivos, para poder enfrentar uma casa, se você absorver as coisas negativas, você não fica um dia numa casa, porque família é difícil, convivência é difícil, porque existe gente de todo jeito e então minha trajetória é assim.

Figura 13: Babalorixá Tanquinandé - Pai Jurandir no jogo de Búzios (Foto: Alzení Tomáz, 2021)



O TERRITÓRIO DO TERREIRO

Quando eu cheguei nesta casa, era para ser minha morada e meu Terreiro, mas, eu fiquei pensando como fazer a Casa do Santo nos fundos, não parecia uma coisa boa, então, Ogum me ajudou e comprei outro terreno. No Barracão tinha que ter

um Terreiro das ervas medicinais, parecia pouco, mas, então comprei mais um terreno, que alguém queria fazer uma Igreja, já pensou o conflito que seria?! E aí povoei com as plantas. Numa daria certo um Terreiro vizinho com uma Igreja evangélica.

A PANDEMIA

A pandemia trouxe muitas dificuldades para nós, ficamos sem fazer nada, só as obrigações internas. Estamos lutando pra viver, não podemos mais nem fazer Santo, fazer uma festa. Mas, mesmo assim, com a força de Yemanjá ela pediu que fizesse um balaio dela,

quando ela pede, sabemos que podemos fazer com segurança. Ela pediu, um depois pediu outro e mais outro e, eu tive que fazer. Ela cobrou porque todo ano eu faço a festa dela né, e esse ano não podia fazer. Mas, ela nos protegeu e ajudou a afazer.

AS FESTAS PRINCIPAIS, OS ORIXÁS, OS GUIAS E OS CUIDADOS COM OS FILHOS E OS ATENDIMENTOS

Aqui fazemos a festa de Cosme e Damião, as festas de Yemanjá, Ogum, Oxum e Oxossi, esses não posso deixar nunca de fazer. As minhas correntes são formadas por Ogum, Oxossi e Yemanjá, são os Santos de frente. Eu faço consulta com os búzios, as cartas de tarot, trabalho com a numerologia, tudo que você pensar eu jogo, de tudo eu aprendi um pouco. Eu ainda, consulto com Zé Pilintra e o Caboclo Sete Flexa, a Cabocla Jussara, consulto com Tranca Rua também. Tem gente que prefere conversar com Exu, mas, ele só vem se precisar. Tem também o Cobra Coral, se precisar vem. Eu cuido dos filhos dando-lhes as obrigações do Santo deles, as limpezas espirituais que eles precisam. Não é muito, mas, faço de tudo

um pouco porque eu tenho que trabalhar na área da saúde no hospital daqui do BTN e ainda tenho que cuidar do Terreiro. Ogum é o céu e a terra, é a força enviada por Olorum. Oxóssi é o caçador, aquele que provem o alimento, por isso, trabalho tanto, sem o caçador não tem fartura, prosperidade, sem o caçador não vem os bons caminhos. E a minha querida Yemanjá Ogunté¹, desde criança sou devoto dela, sempre fiz as obrigações dela, ela é muito vaidosa, gosta de tudo certinho. Ela é a Mãe, dona da casa, ela equilibra a cabeça.

¹ Qualidade de Yemanjá.



Figura 14: Fachada do Terreiro do Babalorixá Tanquinandé - Pai Jurandir (Foto: Alzení Tomáz, 2021)

O TERRITÓRIO DE EXÚ, SEM ELE NINGUÉM FAZ NADA

Você sabe que sem Exú ninguém faz nada, eu peço para todos que fazem parte das minhas correntes, tem o Lonan, senhor dos caminhos, o homem da comunicação, a gente não

trabalha, não vive sem Exu, ele, orienta e equilibra. Se for preciso os filhos têm que rodar com Exu para achar o equilíbrio. O território de Exu são as encruzilhadas.

OS TERRITÓRIOS DE TERREIRO

Eu vou ao rio quando preciso falar com Yemanjá, eu vou ao rio e peço permissão a Oxum que é a deusa das águas doces, mas, é esse rio que vai sempre para o mar. Eu também tenho uma roça em Glória na beira do rio, estou ajeitando para quando fizer as obrigações já ter acesso um rio. É um espaço muito bom para eu assentar minhas coisas tudo lá. Os principais lugares que uso para fazer oferenda e levar os ebós são as encruzilhadas, as matas, as pedreiras (porque eu sou muito devoto de Xangó), as águas. Por isso a roça vai ser uma boa porque tem de tudo que eu preciso sem ser incomodado. Quando eu che-

go na roça as matas me trazem muito a força de Oxossi e dos Caboclos.

Aqui na minha mini chácara eu tenho de tudo um pouquinho, tenho aroeira, acocó, dendezeiro, pitangueira, coqueiro, jurema de caboclo, jurema preta, quarana que é uma erva de lansã, catingueira, tem as ervas finas, e as grosseiras, ervas dos Santos eu tenho de tudo um pouquinho, Ossanha gosta muito. A gente precisa de espaço para criar nossos animais, galinha, pombo, guiné, as coisas que a gente precisa para as obrigações. Tudo isso serve para as obrigações do Santo, para as desobesseções, para retirar egum.

AS RAMAS DO MEU TERREIRO

Eu tenho muito filhos que já perdi a conta. Mas, deve ter uns sessenta filhos que eu já fiz. Tem muita gente que é feito que vem da sociedade que não quer ser visto, que as vezes são

de outra religião e ao quer que os outros saibam. Não é só os de casa que eu cuido. Cuido desses também. A nossa religião para cuidar de tudo e de todos que precisam.

O PRECONCEITO

Existe muito preconceito ainda com o Candomblé, então tem gente que procura para se cuidar, mas, não quer que isso torne público e tem os que assume e se cuidam e dão obrigação que já tem suas casas. Tem gente de lugares diferentes em Juazeiro, em Cabrobó, São Paulo, até na Itália já tem gente que eu fiz. Eu faço e cada um tem que se cuidar, zelar do que tem. Mas, a gente que é de Santo que tem que se expor, não saída tem que colocar a cara a limpo. Assumir a religião e assumir o que somos.

Eu nunca passei por situações de discriminação, mas, tem filhos meus que passaram, o que eu já passei foi com evangélicos dizendo que minha religião é do satanás, eu respondo dizendo que minha religião é das ervas, é do respeito, é acolhedora, mexe com frutas, com flores, com folhas, com Orixá, com Exu, e nada disso é do satanás. Mas, essa mesma pessoa, já precisou de mim no hospital e eu tive que atender de bom coração. Porque eu na minha profissão é para servir e na minha religião também.

DA ALDEIA PARA A CIDADE

Eu tenho uns 26 anos pra 27 anos de casa de Santo trabalhando. Antes deu ir para casa de Mãe Neta eu já trabalhava, já jogava os búzios. Minha vó era rezadeira. Eu só não mexia com coisas de fundamentos. Mas, como eu já vinha dessa origem de indígena eu já trabalhava. Minha mãe era espírita de Atikum, e queria que fizesse tudo de graça, mas, não pode porque nós temos que fazer coisas pra Exu e não pode ser

tudo de graça, Exu é troca. Eu não me criei na aldeia não, mas, minha origem e tradição é de lá. Eu fui criado na roça, plantando, caçando, pescando, mas, agora, nem um passarinho eu mato mais, já tenho como me prover. Vi morar na cidade desde os sete anos. A nossa religião é muito linda. É das coisas da natureza acho que por causa das minhas origens fui conduzido pra cá e estou até hoje.



CANDOMBLÉ

ILÊ YÁ ORÍ OFÁ IBAIM

BABÁ ALAGBÊ OFÁLÔWCIOMÂN

Quero agradecer a oportunidade de estar expressando um pouco da nossa fé e levar um pouco do Ilê Yá Orí para casa maior e para o coração de cada um através desse livro que vai ser lançado. E também através dessa filmagem. Então, de primeira estância, eu quero apresentar a vocês essa Casa, que se chama Ilê Yá Orí Ofá Ibaim, onde carrega o nome de Yemanjá e de meu Pai Logunedé, "agô mojubá".

O Ilê Yá Orí, surge em 2014, em meio a muitas turbulências, é uma Casa que não vem de geração porque não vem de herdeiros. Nós somos os primeiros patronos da casa, mas eu já venho de uma família tradicional do Candomblé, a minha família já é uma família religiosa, tenho duas tias com Casa de Umbanda aberta, uma aqui mesmo na cidade de Paulo Afonso e outra na cidade de Glória.

Meu nome é Gutierrez Alves Valentim, dentro do Candomblé conhecido como Ofálôwciomân, sou iniciado pra Logunedé, onde exerço a função de Alabê. Então dentro dessa Casa temos a Yalorixá Glaucineide, para dentro do Candomblé Yádêrôwmínêjà sentada nesta Casa como Yalorixá. Enfrentamos sim certa dificuldade para abrir essa Casa de Santo, porque isso não é algo que a gente queira por diversão ou por brincadeira. Casa de Santo é algo sério... e sobre isso enfrentei algumas dificuldades, porque quem não começa de baixo não tem história pra contar. Eu estou aqui pra resumir um pouco dessa história porque é longa. Começa quando eu tinha apenas 7 anos de idade e entrei no Candomblé, hoje me encontro com 27 anos bem vividos, quero viver muito mais.

A INICIAÇÃO COMO OGAN ALABÊ

Tudo começa aos meus seis meses de nascido, quando adquiri um problema respiratório e minha mãe procurava os médicos, fazia exames de todo tipo e nada se achava ou se resolvia. Então essa entidade por nome de Doutor José Pelintra, que é uma entidade que minha tia recebe, no qual eu tenho muito respeito, me colocou no braço e falou que esse problema o qual eu tinha seria resolvido espiritualmente, que era algo que já fazia parte do Orixá, era como se ele esteve me preparando, dando um toque na minha família para dizer que eu também seria

mais um na religião. Eu nunca posso dizer que foi uma escolha minha entrar no Candomblé. Fiz uma trajetória pela Umbanda, por alguns tipos de tratamento de saúde. Minha vó, por nome de Maria Galdino, que foi quem me cedeu esse espaço, disse que eu iria ser um dono de um Terreiro, só que até então eu comecei a frequentar, fazer minhas roupas brancas, meus camisas, calção, e aí vai... E então, quando completei sete anos de idade, eu tinha um sonho que era ser Babalorixá, uma criança queria ser Babalorixá, já pensou!? eu fiz um barraqui-

nho de palha de coco, onde eu tocava, brincava com as crianças, eu dizendo que era Babalorixá, até então eu nunca sabia o que eu iria ser, que era um Alabê. Aprendi a tocar Candomblé numa lata de leite ninho, sem ninguém me ensinar. Então tudo foi aflorando, aflorando, e daí então eu vi que meu sonho de ser Babalorixá não ia acontecer. Passei por vários desenvolvimentos, hoje o saudoso orum, Mutalenã, juntamente com a saudosa Mabeorô, foi quem desenvolveu o Santo em minha cabeça, me sentou num abêrê, num apoti, em português quer dizer banco, e chamou o Logunedé em minha cabeça, só que daí então Logunedé nunca pegou minha cabeça, e Mabeorô olhou e disse assim: “esse menino não vira no Santo, esse menino não dá Santo”, foi quando fui suspenso pra Ogan Alabê da lansã da Yalorixá Mabeorô, Yalorixá que eu tenho muito respeito, juntamente com a Yalorixá Oledéji, onde foi minha primeira Casa de Candomblé a qual eu fui começar o meu caminho.

Essa tia minha de Umbanda foi quem me direcionou ao Candomblé porque ela disse que não podia fazer nada por mim porque meu Orixá não era de Umbanda, meu Orixá era de Candomblé, e aos meus sete anos comecei a frequentar o Candomblé, comecei a aflorar. Foi no jogo de búzios que confirmou realmente que meu Orixá era Logunedé, mas minha mãe tinha crença, minha mãe acreditava, até porque minha família, tanto da parte do meu pai, quanto da minha mãe já eram de Santo. Mas meu pai era um antigo Cambono na Umbanda.

Só que meu pai se afastou e não quis mais, e por alguns desgostos, ele também não queria que eu fizesse Santo, e eu sofria muito com isso, porque eu tinha vários sonhos, eu passei a sofrer problema de saúde novamente, porque Logunedé já começou a cobrar obrigação em minha cabeça, e eu sem saber o que era... eu não sabia o que era obrigação, eu nunca tinha visto, eu sabia o que era na Umbanda, mas, no Candomblé eu não sabia o que significava.

Figura 15: Babá Alagbê - Pai Gugu (Foto: Arquivo Ilé Yá Orí Ofá Ibaim)



Então quando completei 9 anos andava mais ainda no Candomblé, mas, meu pai reprimia, me tirava de lá quando sabia que eu estava numa Casa. Então, foi quando completei meus 18 anos aí não teve jeito e terminei fazendo o Santo no dia 22 de setembro de 2012, no Axé Untolodô Iberelodê, com a minha Mãe de Santo, Nanã, onde a matriz desta casa, funciona em Aracaju – Sergipe, no Bairro da Soledade. Hoje a casa, tem de frente, sentada na cadeira a Yalorixá Jussara de Nanã Iberelodê, então aí começa um pouco da história deste Alabê. Lá na Casa de Oledéji com Mutalenã e Mabeorô foi quem fez o procedimento de lavar minha cabeça, mas, não foi lá que me iniciei. Embora tenha sido lá que comecei a conhecer o que é Candomblé, foi onde os Ogãs mais velhos foram me ensinando e me direcionando. Ogum com lansã me mostrou o caminho.

Mas, minha confirmação mesmo veio por meio do Babá Ary de Xangô. Foi ele que veio dar minha obrigação aqui, a essas alturas meus pais biológicos me permitiram tomar obrigação aqui. Como eu disse, recebi minha obrigação aos 18 anos de idade. Minha mãe também era iniciada no Axé de Cariodô, um Babalorixá também bastante conhecido no estado de Sergipe, tem roça

aberta em Aracaju, no bairro América também, fica bem próximo da casa da saudosa Mabeorô. Ela é iniciada lá (Jussara), hoje eu tomo obrigação com o Babalorixá Humberto Douglas de lansã, tendo roça aberta no Augusto Franco, também em Aracaju. Eu sou o primeiro Ogan da casa dela e adquiri um respeito, dentro da humildade. Que Candomblé é humildade, nós não podemos deixar a coroa subir além da cabeça, Candomblé é uma religião de humildade, se você tiver humildade você vai ser de Candomblé, porque a gente tem que comer de mão, a gente tem que dormir em esteira, renunciar à nossa caminha macia, fofo, abrir mão dos nossos talheres pra comer de mão e abrir do nosso prato, do prato de vidro pra comer no de estanho.

Então eu acho assim, pra querer ser do Candomblé tem que aprender a humildade, principalmente, respeitar nossos mais velhos, porque todos os mais novos têm que respeitar os mais velhos, porque são através deles que a gente aprende, a cada dia a gente vai aprendendo... Candomblé tem um ditado aqui na nossa casa: “é um poço sem fim, a cada dia a gente vai aprendendo, e ninguém tem absoluta verdade, a gente vai aprendendo, vai fazer, e a cada dia vai surgindo!”

EXÚ É TUDO QUE PASSA PELA BOCA QUE COME

O Candomblé começou no Brasil com 16 Orixás, hoje o Candomblé tem mais. As pessoas conheciam Exú como o diabo, que Exu era quem fazia as confusões, que Exú era isso e aquilo. Eu conheço Exu como a coisa mais maravilhosa que existe no Candomblé. Nada se começa sem Exú, ele é o dono da boca que come, tudo que passa pela boca pertence a Exu. Ele é princípio, Exú está em tudo, Exú é caminho que a gente passa, é estrada que a gente caminha, é água que a gente bebe e por intermédio dele, chega Ogum, Oxossi, Osanha, Xangô... e todos os outros. Tem

mais que 16 Orixás. Antigamente havia receio de candomblecistas com Orixás, poucos conhecidos como Obá, Ewá, que eram deusas guerreiras e advinhas. Hoje já temos cultos ao Otim, ela é uma Orixá Caçadora, pouco conhecida, é o lado feminino de Oxóssi, os dois caçam juntos. Odé (Oxóssi) caça de dia e Otim caça a noite.

Também hoje tem o culto a Iroko, que as pessoas ouviam falar, mas não sabia. Iroko é a árvore da ancestralidade, nossos ancestrais trazem em Iroko a representação da grande árvore sagrada no culto yorubá. Nos ensinam, que não

podemos olhar para a copa da árvore de Iroko, porque é grande falta de respeito com nossos ancestrais, então veja que coisa bonita. O Candomblé se fazendo valer. Hoje a gente pode expressar a nossa fé, só o fato de vocês estarem aqui já é um fato que somos livres.

Antigamente Candomblé era religião de negro, quantos brancos nós não temos hoje no Candomblé!? Isso é uma riqueza pra gente, antigamente Candomblé era religião de pobre, religião dos humildes, hoje nós temos juízes, advogados, empresários, delegados, pessoas maravilhosas que estão aí lutan-

O CULTO AOS ORIXÁS

Nós cultuamos aqui: Ewá, Obá, Iroko, Yabá Otim, tem lugar que cultua Otim como Odé ou Oboró que significa homem. Os Orobó aqui são: Exu, Ogum, Osossi, Òsányin, Logum Edé, Omolu, Oxumaré, Iroká, Xangó, Oxalá,

OS TRABALHOS, EBÓS

Temos o privilégio de estar à beira do Rio São Francisco, essa parte aqui da rua de cima, tem Rio, matas, floresta... então, utilizamos muito a água para fazer os ebós. O que é um ebó, são feitos de comidas, grãos e folhas, que representam todos os Orixás, onde são invocados, em cada nação, quer seja em Ketu, Inquices (Nkise), Angola, Vodun, Jeje. Embora nós aqui sejamos da Nação Ketu, com raízes também de Angola, não podemos deixar de lembrar das outras nações. A nação Bantu por exemplo que foi a primeira a chegar aqui no Brasil. Então o Rio representa aqui a Oxum, que é a deusa da doçura, da fertilidade, quando sujamos o rio estamos sujando a morada da Oxum. Ela é a Yabá que gosto muito, por sinal, minha avó é da deusa da fertilidade, ela é o ibá da mulher, que significa

do para o nosso Candomblé a cada dia crescer mais e mais, então eu sou muito feliz por ser de Candomblé.

Eu digo sempre se Olódumarè, Olórun um dia me chamar e, eu sei que um dia todos nós iremos, e me der oportunidade de voltar, eu quero ser de Orixá de novo, não quero outra religião, foi onde eu me encontrei, me sinto bem, para alguns não é muito bom, mas, para mim eu me sinto bem, consegui tudo que eu quis, porque um menino de 18 anos, hoje com 27 conquistar tudo que eu conquistei não foi em vão. Orixá sabe o que fez e até hoje vem fazendo.

Obatalá, são Oxalás, tem o tradicional culto ao Oxaguiã, Oxalufã e Ajalê. Tem também histórias de Orixá que não se tem notícias de ninguém que seja iniciado dele, como Orunmilá.

casa, lugar de você reverenciar, o Ibá da Mulher é seu útero, onde ela guarda nove meses a criança gerada, ela gera o líquido que guarda a criança no útero, é a água sagrada da Oxum. Até o choro que cai de nossos olhos, são águas de Oxum.

Dependemos dessa água para beber. Quando ferimos as matas, as águas, deixando garrafas quebradas, aguidas, e outros poluentes, estamos ferindo a morada dos Orixás. Estamos ferindo Oxóssi, Òsányin, os Caboclos. Quando poluímos as encruzilhadas, também estamos poluindo a morada de Exú. Machucamos toda nossa ancestralidade.

Nós temos a Kalunga, o que é Kalunga em português? Significa cemitério né, que quem tem o domínio é o Pai Obaluaiê ou Omolu. As pessoas



Figura 16: Babá Alagbê - Pai Gugu, abençoando Filho de Santo (Foto: Arquivo IléYá Orí Ofá Ibaim)

acham que cemitério é um lugar de fazer maldade, lugar onde a gente traz negatividade, eu digo aqui a vocês qual foi o dia que qualquer pessoa foi ao cemitério e ouviu barulho, ouviu ou viu briga lá dentro, não tem. Você vai ao cemitério e encontra a paz, então é um lugar sagrado, é o lugar onde Obaluaiê habita.

Então não devemos ferir esses ambientes, Candomblé salva muito isso, salva o ar, o fogo, a terra, o vento... esse ventinho suave que a gente sente pertence a Oxalá, uma brisa pertence a Oxalá, o vento rápido de balançar árvore pertence a Iansã, tem diferenças, pessoas muitas vezes acham que o vento, todo vento pertence a Iansã

ou Oyá, que é a deusa das tempestades, dos vendavais, dos ventos que destrói, isso quando ela tá enfurecida. Eu tenho um ditado de dizer que é quando ela não tá muito bem com Xangô, aí os ventos sopram forte. O fogo, é algo muito importante dentro do Candomblé, pertence a Iansã e a Pai Xangô, porém o fogo nós temos que saber trabalhar com ele, o mesmo fogo que aquece é o que queima, o mesmo fogo que cozinha nosso alimento é o mesmo que queima nossa comida, que não dá pra gente comer, então mesmo assim é Oyá, Oyá é isso.

Se tem dois nomes que é dado ao fogo, que é izô, que é fogo e inã... izô é o nome dado ao fogo, o fogo que destrói, o fogo que queima, que incendeia, ali é quando Oyá tá furiosa, e temos o inã que é o fogo calmo, que pode ser representado por a chama de uma vela, esse é o inã, é o fogo da vela, o fogo calmo, que clareia, que não faz mal a ninguém.

Orixá tá em tudo, em todas as partes, se tem olhos podes ver tudo... nós que somos do Candomblé, não somos proibidos a doar órgãos, qualquer pessoa do Candomblé pode doar ór-

gão, só que tem uma coisa do nosso corpo que Oxum não concorda, são nossos olhos. Oxum é a deusa da vidência, da adivinhação, nossa adivinhação, nossa vidência vem dos olhos, o bem da gente que oxum mais venera são nossos olhos, pouca gente sabe disso mas é verdade, porque através do olhos que a gente vê tudo, vê o que vai fazer o mal a gente, e o que vai fazer o bem, então é isso... Orixá é maravilhoso, porém já diz tudo, Orixá, Orí é cabeça, é guardião da cabeça, o nome da casa da gente, a gente chama de Ilê Yá Orí, significa a Casa de Axé da Mãe de todas as Cabeças, a casa de força da Mãe de todas as cabeças, que é Yemanjá, é a Mãe peixe. A Mãe dos peixes, então, todo Candomblé necessita de Yemanjá, necessita de Oxalá, necessita de Oxum, são os três necessários dentro do Candomblé, não dizendo que os outros não sejam, mas as particularidades de um ebó Orí, resumindo bori, se vai para Oxalá e se vai para Yemanjá que é o equilíbrio da cabeça da pessoa, então são Orixás de extrema importância dentro do culto, se tem uma cantiga de Yemanjá, você falou em cantiga, que fala da cabeça da gente... que é

...Orí ori lé, Yemanjá ori ôri lé...

...E ela dança assim, Yemanjá ori ori lé, Yemanjá ori ori lé... ela dança pegando nos quatro cantos da nossa cabeça trazendo para nós o nosso equilíbrio, e quando ela faz isso ela deixou você

equilibrado, e ela canta, Enijé nié lodo Yemanjá ô a cota derecê, Yá oromim ô, ê kinijé nilé odo, kinijé é peito, odo é rio, a Mãe vem para alimentar seus filhos, muito bonita essa cantiga, significa isso ...

A FUNÇÃO DAS FOLHAS

Nós temos aqui, graças a Deus, a Orixá, nós temos um pequeno espaço das folhas iniciais para utilização dentro do culto. Quer seja para o Bori ou que seja para o feitorio. Lembrando que não são todas as folhas que são utilizadas, cada folha tem seu momento, sua hora, sua cantiga. A gente reza as folhas, a gente temos um costume que não podemos tirar folha com o sol quente,

não podemos tirar folha meio-dia, nem duas da tarde, a gente só tira folha ou de manhã ou a tardezinha, e para isso, tem que bater o paó, paó é a palma, que é dada pra Orixá acordar, estamos acordando aquela folha, acordando Òsányin pra pedir a licença pra pegar aquela folha. Aqui temos a folha da costa conhecida como ewe dundun, no português folha da costa, que é muito

utilizada pra lavar a cabeça das pessoas, é uma folha fria, qualquer pessoa pode tomar um banho pra lavar a cabeça, temos a bomodá, que é a folha da fortuna, também na falta da folha da costa, do ewe dundun, ela serve também, cobre a outra, temos a aroeira, muito necessária também nos cultos a Ogun, nos cultos de orô que são os sacrifícios. No Candomblé ela é muito útil também, temos o peregun, que é uma folha de baba Òsányin que é muito utilizado na cama de folhas dos yaô, como na saída dele do runkó pra cá porque a folha do peregun pra os leigos, para as pessoas que não conhecem, é uma folha cumprida, bem verde escuro, que o yaô vem segurando, porque ali está protegendo dos ajé, ajé é coisa ruim, negatividade, o peregun está protegendo de qualquer coisa negativa, para não atrapalhar o yaô naquela hora, então aquela folha, depois do yaô rodado dentro da sala do Candomblé, aquela folha é retirada e colocada

no atiča, atiča é a árvore sagrada dedicada aquele Orixá Òsányin. Naquela issaba a proteção sobrecai sobre aquela pessoa. Naquela Ewé onde o Babá coloca os seus pés é onde se encontra toda potência. Temos aqui também o akokó, também é uma folha vincula a Òsányin tanto nas nações, Angola, Ketu ou Jeje esta folha se vincula a Oxóssi, e a Oxumaré, que na Angola é Angoró, no Ketu é Bessen. São todas, folhas essenciais para o Orí de um Yaó, para se dar um Adeká. As folhas são prosperidade, vida, crescimento, Axé.

Yalorixá, dentro do culto significa Mãe de Orixá, é a mulher, a pessoa, a Mãe, que cuida dos Eleguns, dos corpos, elegun é quando você é iniciado do Orixá e quando você é virante ou rodante (que recebe o Santo em incorporação), quando a pessoa dar Santo, ele é um elegun, quando não, ele é apenas iniciado, confirmado, então, ela é quem toma conta do Orí. No caso aqui de nosso Axé, a Yá Orí é ela (Mãe Glauceide).

O ALABÊ

A função do Alabê é cantar no Candomblé. Não é obrigatório Alabê saber tocar Candomblé, a função do Alabê é saber cantar Candomblé, cantar a roda do Candomblé, ao cantar, há invocação dos Orixás. Cantar o Candomblé no quarto de Santo, no quarto de Exu, cantar as folhas, cantar tudo. É um cargo de extrema importância e confiança,

porque quando por exemplo, um Babalorixá dedica muita importância em passar os seus conhecimentos ou quando ele está de olhos fechados, incorporado, é o Alabê quem toma conta da Casa de Candomblé. O Alabê tem que saber trazer o Orixá no Aiye (terra) e tem também que saber fazer eles retornarem para o orum (Céu).

OS ALIMENTOS DO CORPO E DO ESPÍRITO

O Axogun que é responsável pelos Orós, pelo sacrifício dos animais. Que também é algo muito importante dentro do Candomblé. A imolação dos animais. Muitas pessoas ignoram justamente essa parte do Candomblé, muitas

vezes demonizando. Mas, é o alimento do corpo e do espírito. Aquela carne alimenta a comunidade de Terreiro. Aqui em casa nós temos o caruru, tem pessoas do bairro que já ficam esperando chegar o tempo.

OS INSTRUMENTOS

O couro do animal é dedicado ao atabaque, também dedicado a fazer paramentas de Orixá, como Odé, lansã. Há partes do animal que

são entregues aos Orixás, para a Natureza, aqui o que se decompõe é alimento da Natureza, o restante alimenta a comunidade.

AS FOLHAS, OS REMÉDIOS

As folhas são jogadas ao chão, depois juntadas e entregues embaixo de uma árvore. Aqui, dedicamos essa árvore a Òsányìn, as folhas que usamos no salão, depois são depositadas no pé desta árvore, as folhas usadas no Candomblé depois não podem ser jogadas no lixo, elas con-

tinuam sagradas. Aqui usamos as folhas para banhos, maceramos elas cantando, todo feitio de banho tem que ser cantado. Então, ao finalizar os banhos, colocamos nos atins, nos poes sagrados, no banho de abô. O abô também é um banho sagrado também da roça, da sacralização dos yaôs.

A NOSSA VOZ, É A VOZ DO CANDOMBLÉ

Para o Candomblé essa cartografia é bastante interessante, porque vai levar um pouco de conhecimento para os que não entendem o Candomblé. Fica registrado aquilo que somos, mostramos aqui que o Candomblé é uma religião de respeito, de dedicação, de amor ao próximo, não é uma religião que visa dinheiro, porém muitos acham isso. Eu não peço que me tolerem, eu peço que me respeitem. Porque veja, o Padre anda com suas vestes, o pastor anda com sua bíblia, eu quero andar com meus fios de conta, com meu branco, eu quero andar com meu fio de Oxum, com meu fio de Oxaguiã e o meu de Oxóssi, usar o que eu quiser e não ser vítima de preconceito.

Eu sou um jovem e digo, estudem o Candomblé, vejam o que é e de onde surgiu, porque quem critica Candomblé está criticando a ancestralidade. Ancestralidade são os nossos antepassados que já se foram, e ninguém sabe se na nossa família não tem alguém que já foi de Candomblé, que não tá mais aqui, então quando a gente fere o outro está ferindo quem já foi embora, pode ter sido sua bisavó, tataravó, você nem chegou a conhecer, mas já deve ter ido bater uma palma no Candomblé, então respeite...e o ajô significa união, vamos ser mais unidos, ajô dentro da religião de matriz africana é importante.



Figura 17: Igbá, assentamento de Orixá e Território das Ervas no Ilê (Fotos: André Souza e Alzení Tomáz, 2021)





CANDOMBLÉ

ILÊ YÁ ORÍ OFÁ IBAIM IYÁLORIXÁ YÁDÊRÔWMÍNÊJÀ

Meu nome é Glaucineide Luiza, minha Dijína é Yádêrôwmínêjàela. Eu conheci Pai Gugu, ele era novinho ainda, eu tinha 36 anos. E ele na religião era meu padrinho. E daí tivemos aquela amizade muito bonita, então Yemanjá me trouxe até aqui no Ilé Ori Ofá, então no dia 13 de maio de 2017 nascia Yádêrôwmínêjà, ela ficou como um agente da casa juntamente com LogunEdé e eu estou aqui fazendo o que posso. Querendo ou não só tenho quatro anos de Santo, ainda estou engatinhando.

Eu sou uma pessoa que tudo que eu preciso saber sobre o Candomblé eu procuro os meus mais velhos. Está Pai Gugu aqui que sabe que só procuro ele, quando ele não sabe também procura outros mais velhos. Como eu sempre digo

também, aqui na nossa casa a gente não quer quantidade, a gente quer qualidade. Porque tem muitas casas que as vezes tem muitos filhos, mas a gente vai contar quantos são realmente dedicados ao Orixá, porque o que Orixá quer é sua humildade, seu respeito acima de tudo.

Então estou aqui nesta casa a frente com Pai Gugu, porque eu sou Yalorixá e ele é um Babá Alabè, como ele não pode abrir uma casa sozinho tem que ter uma Yalorixá junto. Então Yemanjá aceitou e eu também aceitei e estou aqui do lado dele. Já estamos quatro anos juntos, temos nossos filhos que são poucos, mas, pra gente se torna muitos, porque qualquer coisa que a gente precisa estamos todos unidos, independente de qual família seja, pela mesma causa e amor aos Orixá.

O CANDOMBLÉ

O Candomblé para mim é assim. Eu era católica, era catequista, mas, quando eu entrei na casa Ilá Auré, eu me deparei no que realmente é Candomblé. Tive que perder aquela vergonha, que muitas vezes eu tinha de andar com meus fios de contas, no momento que vim tomar conta de uma casa, não ia ficar bonito, meus filhos de Santo andando comigo e eu com vergonha

da religião, então ali eu parei e pensei: Auré me ensinou que é aqui que eu devo ficar. Pra mim é o maior respeito do mundo, se diz assim vai num centro eu pergunto é pra ir de baiana? É. Então coloco minha baiana se é para ir eu quero mostrar para todos que eu tenho minha fé e que todo mundo tem a sua, e eu quero mostrar que agora a minha religião é a candomblecista.

A PANDEMIA DO COVID 19

Orixá é vida. Com a pandemia tivemos que parar tudo, se a gente continua pode aconte-

cer algo com alguma pessoa. Graças a Deus não aconteceu nada com ninguém, mas, a gente tenta

evitar. Então, tivemos que cancelar um monte de festa, até a festa de Auré que a gente faz em maio, tivemos que cancelar. Mas, aqui é sempre fé, res-

peito e humildade sempre, é tanto que todo mundo ficou triste porque foi cancelado, mas, tivemos que cancelar por causa dessa pandemia.

UM CAMINHO PELO AMOR

Eu vim da Umbanda, de uma casa onde a dona era uma senhora conhecida como Maria de Zé Vicente, já falecida, o barracão dela era aqui no Centenário mesmo, na Rua Realeza, eu vim de lá. Eu entrei na religião pelo amor. Muitos dizem que entra no Terreiro pelo amor ou pela dor, eu entrei pelo amor, por causa da minha irmã que necessitou de algo e não queria ir sozinha, aí me chamou e eu ficava ali sentadinha no banco esperando-a,

e me dava uma vontade de usar uma saia! Então eu já comecei a participar. Vindo da Umbanda, passei uns tempos na casa de Balé Orun, só que não me iniciei lá, de lá eu vim para o Ilá Auré, aqui, aí foi onde me iniciei. A minha navalha é de Má-fãjkerikã – é de lansã minha navalha, é de meu Pai Samuel que é meu Babalorixá. Ele foi quem me iniciou. O barracão dele é em Nova Glória, ele estava junto com o Baba Pejigã Arinaldo ty Barú.

Figura 18: Yálorixá Yádêrôwminêjà - Mãe Glaucineide (Foto: Arquivo do Ilê)



Figura 19: Família de Santo (Foto: Arquivo do Ilê)

FESTAS

A principal festa é a de Iemanjá, que a gente faz em maio, não faz em fevereiro porque já tem muita ritualidade na cidade, então a gente prefere fazer no mês de maio porque é o àjodún² dela. Foi o mês que ela nasceu. Àjodún é aniversário. Em setembro fazemos o àjodún de Logun Edé, temos também caruru dos Ibejis, e em dezembro acarajé de lansã. A gente gosta também de fazer festa pra Catiço, mas, no mês de novem-

bro. São essas eventualidades. Para o popular Catiço são as festas de Exu, Pombajira. Sempre comemorando no mês de novembro.

² Àjodún, reunião de pessoas para comemorar algo que deve ser especificado após a palavra. Exemplo: Àjodún ojó ibí - Comemoração do meu aniversário. Reunião que irá comemorar algo, deixando aberta as possibilidades!

TERRITÓRIO DO TERREIRO

Fazemos os Ebós – utilizamos o Rio, nós aqui somos abençoados porque temos aqui o Rio e utilizamos matas, estradas, mas, tudo

que a gente utiliza não colocamos mais em prato de barro, a gente coloca na folha da mamoná, de modo que não prejudique a nature-

za, porque se somos Candomblé, Candomblé é natureza. Se amamos os Orixá, porque vamos atrapalhar a natureza? Então tudo que a gente coloca para despachar, por exemplo, nunca co-

locamos prato de barro, pra não poluir a natureza. Na festa de Iemanjá, não jogamos vidro de perfume, papel no rio, a gente despeja as oferendas dela.

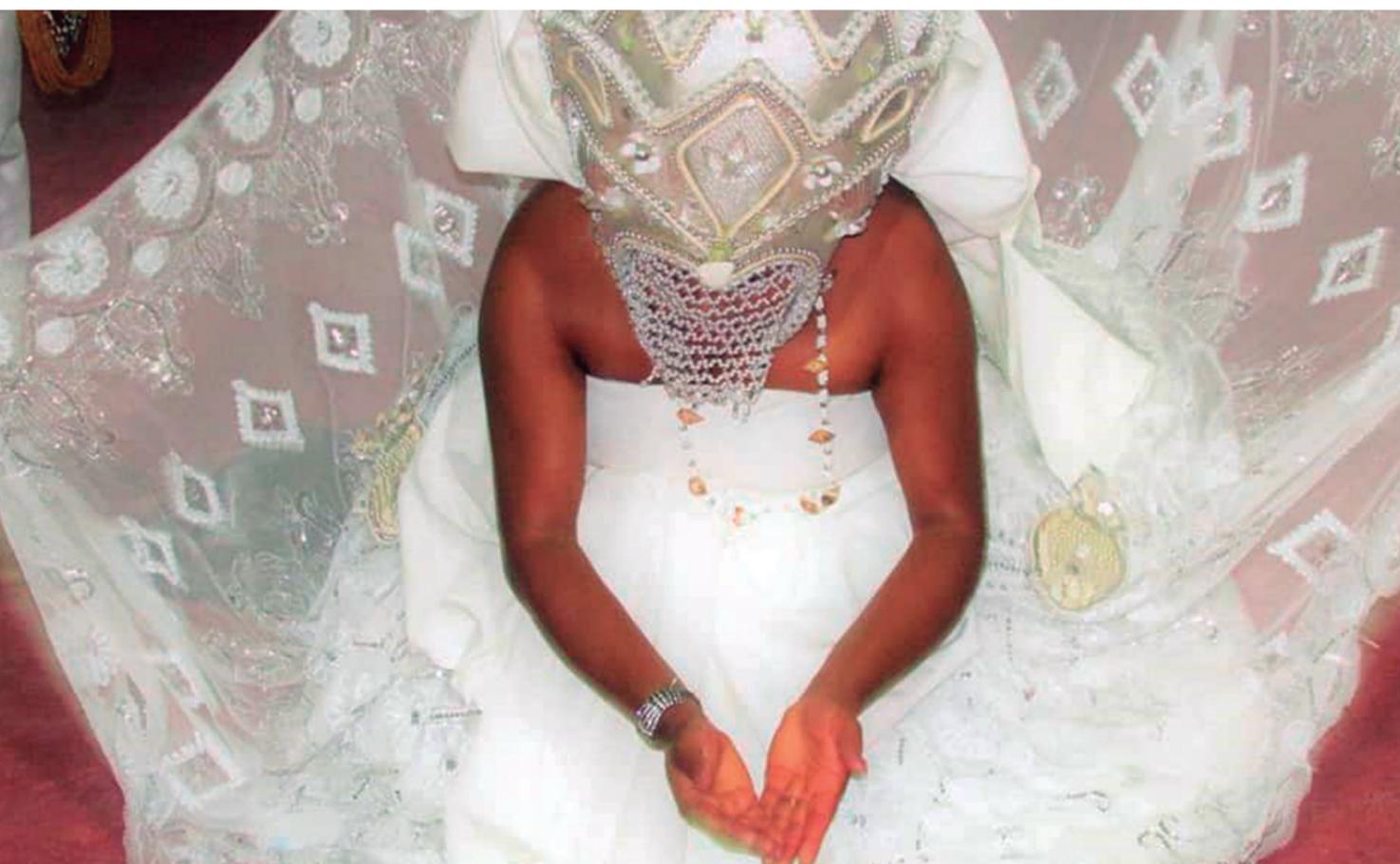
AS COISAS DE CANDOMBLÉ

Quem disser que não faz parte de Candomblé está mentindo, porque querendo ou não na sua casa tem sempre algo que faz parte a nossa religião, quem aqui em Paulo Afonso ou em qualquer outra cidade não gosta de comer um acarajé? Como a gente falou naquele dia né, um acarajé, um abará, quem não gosta?!... e isso aí representa a nossa ancestralidade, querendo ou não é de Iansã, e ali muitas pessoas comem, muitos evangélicos, muitos católicos, independente de qual religião seja.

Estamos ali todo mundo pelo mesmo objetivo, respeito, humildade, vamos pensar nisso, deixar de criticar o próximo, as vezes a gente critica muito o próximo e não observa a si próprio, en-

tão, vamos retirar o que tem no coração de ruim pra fora, as vezes você quer ajudar uma pessoa e não ajuda, com vergonha, do que o próximo vai dizer, não liga não, vai lá e faz... então eu quero a mesma coisa que Pai Gugu falou, eu quero andar com as minhas saias, seja lá como for, independente de eu estar rasgada, de eu estar luxuosa, mas o que importa pra gente é o respeito, a humildade, a união entre todos, né, independente de qual seja a nação, mas a união entre todos eu acho que seria a coisa melhor, a coisa mais bonita que ia existir no mundo ia ser isso, a minha não é melhor que a sua, a sua não é melhor que a minha, a gente aqui só tem uma pessoa só, somos 16 patronos pra gente, que é os nossos Orixás.

Figura 20: Filha de Santo (Foto: Arquivo do Ilê)



Família Ilê Yá Ori Ofá Ib (Foto: André Souza, 2021)



CANDOMBLÉ

ILÊ AXÉ FARALÔCIDOMIM

BABALORIXÁ FARALÔCIDOMIM

Meu nome é Geordy Ramon Silva da Costa, minha dijína é Faralôcidomin, sou Pai de Santo do Terreiro Ilê Axé Faralôcidomim e filho de Santo de Bethânia Balé Orun, que é filha de Oledeji. Recebi meu deká na casa de Balé Orun. Foi no Candomblé, religião de matriz africana, que me encontrei. Antes de eu entrar no Candomblé

eu sofri muito devido a questão de mediunidade. Eu não entendia, não aceitava, não acreditava, mas, me iniciei e hoje sou Pai e já tenho filhos que também já receberam deká, como o Babá Rafael que está junto comigo enquanto constrói o próprio Terreiro, e agora a pouco iniciou um filho dele e assim a gente vai ampliando.

A INICIAÇÃO

Eu, quando me iniciei em Candomblé andava muito na Umbanda, porque a minha mãe era da Umbanda e a mãe do meu pai era de Candomblé. A minha mãe de sangue, Jessina Deofina da Silva, já faleceu. Como Umbandista, ela me levava para o Terreiro, mas, eu nunca aceitei, e os guias de lá diziam: você é médium, você é médium, eu não sabia o que isso significava, nem

acreditava, aí passei a sofrer, passei a ter problemas espirituais, doenças que não existiam, devido ao espiritismo. Os médicos mesmo diziam a minha mãe pra procurar outras ajudas, foi quando ela me levou no Terreiro de Umbanda na casa de Neve, depois sai e fui para a casa de Tonho, fiquei um tempo lá, foi quando me encontrei com Balé Orun e me iniciei na religião do Candomblé.

O CANDOMBLÉ NA VIDA DA PESSOA

O Candomblé pra mim é uma força divina que sustenta a gente. É com ele que aprendemos a amar e ser amado, é um dom que Deus e os Orixás nos oferece para ajudarmos outras pessoas que precisam. Quando alguém está

doente, aperreado e chega aqui na casa e sai bom, satisfeito, é muito importante, não tem explicação e é uma alegria. Foi isso que me fez ter garra para ter um Terreiro, um Templo, até o dia que Deus quiser.

O TERRITÓRIO DO TERREIRO DE KETU E ANGOLA E OS FILHOS DE SANTO

Eu tenho 27 anos de idade, me considero um jovem que teve a força de colocar um Terreiro. O Terreiro fica localizado na Boa Esperança, área rural de Paulo Afonso, lá é onde realizamos os cultos. Meu Terreiro é de Ketu e Angola, tenho

muitos filhos de Santo, jovens, adultos e idosos, são pessoas aqui do próprio Bairro, tenho filhos de Santo também que moram em Santana do Ipanema e que já tem Terreiro de Umbanda. Tenho mais ou menos uns 50 filhos de Santo.

VIOLÊNCIA E INTOLERÂNCIA

Nós estamos parados por causa da pandemia e porque nós sofremos uma grande violência de intolerância. Meu Terreiro é uma casa feita de tábuas e lona, aqui na rua do lado, e terminou que alguém foi lá e ateou fogo, destruiu tudo, foi uma tragédia. Mas, os filhos estão fazendo uma campanha e com fé em Deus vamos construir outro Terreiro, dessa vez com tijolos. Isso é difícil e dói muito, porque ainda existe muito preconceito contra a religião, muita inveja. É difícil dizer como tudo aconteceu, porque todo mundo aqui do Bairro gosta da religião, todo mundo me conhece, eu sou uma pessoa de todo mundo, e tenho respeito por todos, aqui todo mundo é

igual, não temos diferenças, eu vou pra igreja de crentes, pra igreja católica, eles frequentam meu Terreiro e a gente vai respeitando. O Bairro é como uma família. Então é difícil saber de quem partiu. Eu considero que foi intolerância mesmo a religião, que não compreende nossa religião, que não respeita Orixá, que não entende a força que ali existe. No meu Terreiro que foi queimado tinha o quarto de Exú e percebi que somente ele não foi queimado. Tinha o território do assentamento da Balé, o assentamento dos Caboclos, os territórios das plantas medicinais com o Pote dos banhos que é o Pote de Abó, tinha o quarto de Santo e o Salão das Giras.

Figura 21: Babalorixá Faraloòcidomim - Pai Geordy (Foto: Alzení Tomaz, 2021)



Figura 22: Terreiro das ervas medicinais e o pote de abó (Foto: Alzení Tomáz, 2021)

OS ORIXÁS

Orixá é vida, é força, é luz. É natureza, tranquilidade, paz, sossego. Orixá é o vento. Eu aprendi que Orixá é isso, é a força da natureza. Aqui a gente dá a festa de Oxum no mês de dezembro,

a festa de Cosme e Damião que é os Erês. Tem a feijoada de Ogum, os acarajés de Iansã. Essas são as festas tradicionais que a gente tem todo ano. Eu sou filho de Logunedé, Iansã e Obaluaiê.

O ORIXÁ LOGUNEDÉ E OS CABOCLOS

Logunedé pra mim é o dono do meu caminho, o dono da minha vida, é o dono da minha cabeça, é o que me traz em pé depois de Deus, Deus está em primeiro lugar, mas, meu Santo pra mim é tudo, é o que me faz ficar de pé, é o que me faz ter o sentido de viver, lutar, e não bai-

xar a cabeça. Porque todo mundo pode agir com intolerância, mas, meu Orixá me dar sustentação. Eu não preciso que os outros acreditem, eu é que preciso acreditar. Aqui cultuamos também os Boiadeiros, Sultão das Matas, Tupinambá. O meu Caboclo é o Boiadeiro que muito me ajuda.

Figura 23: Terreiro Queimado por intolerância religiosa (Foto: Alzení Tomáz, 2021)





CANDOMBLÉ

ILÊ AXÉ FARALOÒCIDOMIM

BABALORIXÁ BAENIJÔ

Sou Rafael e minha djína é Baenijô, tenho 23 anos, sou filho de Santo de Pai Faraloòcidomin. O Orixá que rege minha cabeça é Xangó, fui iniciado em 2015. Aprendi a amar Orixá e minha

religião, eu ia, participava e gostava, depois de 10 meses que frequentava a casa fui raspado no Candomblé e estou até hoje.

SER BABALORIXÁ

Para mim ser Babalorixá é uma responsabilidade imensa, porque tem coisas que a gente passa que ninguém sabe. O Babalorixá entrega a vida dele aos filhos, mas nem sempre somos reconhecidos como deveríamos ser. Claro que nem todos são iguais, sempre tem a força dos Orixás pra levantar a gente toda vez que as dificuldades chegam, não tem como não amar os Orixás por isso. Porque Orixá é isso.

O que deveria existir para sermos melhor reconhecidos é a união. Aqui em Paulo Afonso, a família maior do Axé, é a de Oledéji, e muitos tem amizade conosco, mas, tem gente que usa

o Candomblé como uma desfeita. Porque eu sei alguma coisa um pouco mais que você, você já sabe outra coisa, porque é mais velha. Tem coisa que eu sei porque sou mais velho no Candomblé, porque aqui é tudo um aprendizado. Mas, nem por isso, tenho que passar ninguém pra traz, ficar humilhando. Até porque Orixá é humildade. E uma família do Axé é pra ajudar, quando uma pessoa precisar do outro, o outro deveria ajudar. Mas, nem sempre é assim. Tem gente que cisma, porque você é daquele Terreiro ou daquela outra casa, não tem confiança. E acho que tem que existir respeito.

Figura 24: Babalorixá Faraloòcidomim e Babalorixá Baenijô (Foto: Alzení Tomáz, 2021)





CANDOMBLÉ

ÈGBÉ ÀLÁKETÚ ÀSÉ ÒMÓ AKUERĀN BABALORIXÁ TÁLÁSÍKUERĀN

Me chamo Marcos Antônio Barbosa Filho, tenho 27 anos. O nome do meu ilê é Ègbé Àlákétú Àsé

Òmó AkuerĀn. Meu Orunkó é TálásíkuerĀn, aqui é um Terreiro de Candomblé da Nação de Ketu.

ORIGEM UMBANDISTA

Minha jornada começa muito cedo na Umbanda, na Tenda Senhor do Bomfim Terreiro da Jurema, da saudosa Lourdes de Oxum aqui mesmo em Paulo Afonso, casa essa que frequentei entre 2003 a outubro de 2011, sendo assim, eu passei 8 anos nessa casa. Ocorre que por motivos de saúde minha mãe resolveu fechar.

Em janeiro de 2012 comecei a andar com minha prima e o que seria minha futura Iyalorísá Betânia de Oyá, acompanhando-a aos lugares onde ela ia desde então, logo após passar um tempo, entrei pra o Asé dela, onde fui iniciado em março de 2014 por Mаметu Luzinete de in-

kossi (Mãe Neta), mãe da Iyalorísá Betania de Oyá, sendo dofono do 1 barco de Iyáwo da casa, 1 ano após a inauguração do Asé.

Pois bem, tomando minha obrigação, obrigação essa que foi muito boa pra mim pois foi uma mão que acrescentou bastante em minha vida graças a Deus depois de ter sido iniciado para o Orisá minha vida só prosperou, não tenho do que reclamar pois hoje eu como do que quero, quando quero e escolho o que quero, nada me falta, tudo é me dado pois Oxóssi que foi o Orisá feito em minha cabeça, é um Orisá provedor e nada deixa faltar.

O PRÓPRIO TERREIRO

Logo após ser iniciado consegui comprar um terreno, construí a casa do meu Orisá onde mais tarde tomei minha obrigação de ano, por motivos pessoais e plausíveis, saí da casa onde fui iniciado e logo após 2 anos migrei para

outro Asé assim tomando minhas obrigações com o saudoso Bábálorisá Humberto Douglas (Pai Binho) Kêlêbájôsí. Senhor esse que também veio pra acrescentar muito, o que sei foi de seus ensinamentos.

COM HUMILDADE E CARÁTER RELIGIOSO

Então aqui em Paulo Afonso me iniciei, fundei meu Asé, construí minha família e estou fazendo meu nome. Aos poucos chego lá com a mesma humildade de sempre e caráter religio-

so. A minha família carnal, todos eles têm Orisá, porém nem todos querem cuidar, tanto a família materna quanto a paterna são de Orisá, ambas de raízes diferentes.

AS PERSEGUIÇÕES E PRECONCEITOS

Aconteceu e acontece ainda muita perseguição por parte da própria religião, principalmente, quando fundei minha casa de Asé. Por várias vezes também por parte de vizinhos que

chegaram até chamar a polícia pra parar o Candomblé, desde a praticantes de outra religião que jogou óleo entre outras coisas na minha porta. No Candomblé de tudo já enfrentei.

AS FESTAS DA CASA

Eu geralmente costumo de fazer um calendário litúrgico onde faço uma cerimônia por mês,

cada mês é uma festa diferente. No entanto existe cinco festa que são as mais esperadas tais como:

FESTAS MAIS REALIZADAS	PERÍODO
A Festa do patrono do Asé: Oxossi	Abril
A Festa anual da Pomba Gira Cigana das Almas	Mai
A Festa anual do Boiadeiro Gentileiro	Julho
A Festa dos Erês (Cosme e Damião popularmente conhecidos)	Outubro
A Festa de Iyansã e Òsún.	Dezembro

Após esse período, em dezembro fechamos o ano e encerramos o calendário.

Figura 25: Babalorixá Tálásikuerã (Pai Marquinhos) (Foto: Arquivo do Ilê Asè Tálásikuerã)



Figura 26: Orisá Oxóssi na incorporação com o Babalorixá Tálásikuerã (Foto: Arquivo do Ilê Asè Tálásikuerã)

POR AMOR AOS ORISÁS

Uma vida pelo Candomblé, é como costume dizer aos meus filhos “não entrei no Candomblé pela porta dos fundos, nasci para ele e vou morrer por ele também”.

Graças a Deus e aos Orisás tudo que eu faço é por amor e com amor a todos os Orisás e entidades em geral. E hoje posso afirmar de todo coração que me encontrei. Eu sou do Asé desde a barriga de minha mãe. Esse Caboclo mesmo que eu recebo, o Caboclo Boiadeiro, era do meu pai carnal.

Existe uma história que minha mãe conta que um dia ela grávida, o Caboclo dela veio e disse a ela “olha minha filha, você vai criar esse filho

sozinha, porém eu vou cuidar dele com você, não vou ser homem pra você na cama, mais serei homem suficiente pra não deixar nem você e nem esse pequeno passar fome nem frio, vocês não vão conhecer a palavra necessidade e precisão”.

E graças a deus estou eu aqui hoje firme e forte. E minha mãe aí viva com saúde, e graças a esse Senhor, eu nunca soube o que era fome e miséria. Eu digo sempre: abaixo de Deus é Oxóssi e abaixo de Oxóssi é esse Boiadeiro, ele é meu Pai, meu amigo, meu companheiro. Meu motivo de todos os dias. O homem da minha vida. Eternamente.



CANDOMBLÉ

ILÉ ASÉ IYÁ OJÚOMINFAN

BABALORIXÁ OROMISILODÓ

Sou Babalorixá Diego de Oxum, mais conhecido na religião como Oromisilodó, tenho 31 anos de idade e 12 anos de iniciado na religião

de Orisá. Sou dirigente do Asé Ilé Asé Iyá Ojúomifán, fundado por mim.

A VIDA RELIGIOSA

Minha vida religiosa começa ainda quando eu era criança, meu bisavô era de mesa branca, embora eu tenha poucas lembranças, porque só tinha 4 anos de idade, mas, carrego fragmentos desta memória, como as festas de Cosme e Damião. Como minha família é toda da religião e tradição passando de família a família. Meu bisavô, minha tia, minha mãe, minha avó, todos são de herança de família onde Orisá já fazia parte de minha vida. Mas, meu contato se deu quando completei meus 8 anos de idade sem muita infor-

mação, até conhecer a Umbanda, onde tive uma experiência espiritual, a umbanda foi apresentada pelo meu irmão e minha ex-cunhada. Então, foi um momento mágico em minha vida, quando vi já sabia que era minha religião. E foi muito amor. Fiquei apaixonado pela religião, permaneci na Umbanda até meus 11 anos. Me ausentei depois, porque estava naquela fase adolescência, querendo curtir, sem que houvesse compromisso. Fiquei um ano afastado, depois retornei com 12 anos, foi quando Orisá tocou de novo em minha vida.

ORISÁ NÃO SAI DA VIDA DE UMA PESSOA

Orisá sempre está presente. Então até hoje através do Ilé Asé Tògunjá, Casa de Candomblé que até hoje pertence que é do Babálorisá Dàrénajó, e lá pertence até hoje.

Foi lá que começou minha trajetória religiosa, dentro do Candomblé. Dentro do Culto Afro, desde os 12 anos fiquei lá escondido, porque meus pais não aceitava uma Casa de Candomblé porque causa dos ritos como a raspagem de cabeça, abrimento de curas. Por essas razões a família não aceitava. Mas, continuei até os 13 anos quando eles descobriram e então eu tive que me

afastar o que durou um ano. Eu já nem acreditava em Candomblé, achava que Orisá já tinha saído de minha vida e eu não precisava mais se preocupar. Foi aí que Orisá começou a cobrar minha volta para o Candomblé. Comecei a ter problemas de saúde, tinha desmaios, fraqueza, fui levado para alguns médicos para diagnosticar o que eu tinha, passei por cardiologista, neurologistas e não era encontrado nenhum problema. Minha Avó, falou para minha mãe levar para alguém cuidar porque o problema é espiritual. Minha mãe então o fez, chamou meu Babálorisá aqui em casa e disse que

ia me liberar para que eu frequentasse a religião. Mas, com algumas ressalvas, que eu não poderia

raspar a cabeça, nem abrir curas. Fiquei assim até os 15 anos, como Abian.

DE ABIAN À INICIAÇÃO

Só que com os 15 anos, meu Santo bola. Daí começo a trabalhar. E começo a pedir para meu Orisá que me desse suporte financeiro e familiar para eu me conduzir na religião. Comecei a trabalhar como garçom aqui na prainha de Paulo Afonso, e fui juntando o dinheirinho para

comparar minhas coisas e passar pelo processo de iniciação. Tive ajuda de muitas pessoas, de Pai Pequeno, Mãe Pequena e Padrinhos. Em 24 de outubro de 2008, com 17 anos foi o ano que me predestinei para meu Orisá para poder me iniciar.

O RANCÓ

Entrei no Rancó (quarto de Santo), para fazer o processo iniciatório, dia 10 de dezembro de 2008 e sai no dia 10 de janeiro de 2009. Foram 30 dias no processo iniciático. Eu já tinha avisado para minha mãe que ia passar por isso e ela me aceitou. Só que eu não consegui comunicar para meu pai, ele era uma pessoa mais antiga, de

roça, não tinha muito entendimento, mas, pedi a minha mãe pra falar com ele porque ela teria mais jeito de convencê-lo. E fui para meu processo de iniciação. Passei o resguardo em casa, depois voltei para o Terreiro para fazer a retirada do Kèlè. E aí foi quando começou toda minha estratégia espiritual. Me iniciei na Angola.

Figura 27: Babalorixá Diego de Oxum (Foto: Arquivo Terreiro, 2021)



A QUEDA DO KÈLÈ E MUDANÇA DE ÁGUAS

Eu iniciei na Angola, como já falei anteriormente. Sou filho do Babálorisá Dàrénajó do Ilé Asé Tàgunjá, o finado Pai de Santo dele foi Carlos Oiá Semi, que era filho de Santo de Oròkená que por sua vez era filho de Joãozinho da Gomeia de Angola. Tomei obrigação de 1 ano e 3 meses no Angola. Nesse período depois do falecimento do primeiro Babálorisá do meu Pai de Santo, ele procura uma pessoa para fechar seu ciclo iniciati-

co com seus 21 anos e procura o Babálorisá Taosilé, que é do Ilé Asé Omo Ode Bualeji, que por sua vez é filho de Santo de Dary Motta Jiberewá do Ilé Asé Torundé Ajagun de Salvador/BA. E após o processo de meu Pai de Santo tomar obrigação no Ketu, nossas águas passa a ser Nagó Vodun, Nagó de Ketu e Vodun do Voduns de Jeje. E eu tomei meu Oyê, meu Deká também no Ketu, fiz a migração de "Águas".

CARGOS NO CANDOMBLÉ

Tomei Odun ejè. Odun ejè é a palavra usada para titular um iniciado a Babalorixá, se a pessoa tiver o Oié, se não tiver você será um ebomi e continuará ebomi ou receberá algum cargo no Terreiro, predestinado pelo Orixá. Alguns cargos na minha casa podem ser assumidos depois de três anos de iniciado, eu por exemplo, na minha casa de Santo Tògunjá eu recebi cargo de Babá Efun e com sete

anos que recebi Oié é que fui outorgado Babalorixá sentado na cadeira, foi assim, que abri meu Candomblé no qual sou dirigente. E comando algumas pessoas e por isso, sou muito feliz em Orixá por ter mudado minha vida e mim conduzido nos caminhos, por ter mim dado saúde e oportunidades. Se não fosse Orixá na minha vida, eu poderia ter entrado em outros caminhos não muito bons.

CANDOMBLÉ É UMA RELIGIÃO MUITO PERSEGUIDA

Há muita perseguição por parte de cristão que pregam coisas que não fazem parte de nossa cultura, demonizando nossa religião e a associando-a como coisa do demônio. Ocorre que demônio é criação dos cristãos, o demônio

tem passagem bíblica, não existe passagem de domínio na cultura Yoruba, candomblé não tem demônio, não existe nenhum Itán no Candomblé que fale que existiu demônio em nossa cultura.

NOSSOS ANTEPASSADOS

Nossos antepassados até hoje são sacrificados por causa dessa ideia de demônio. Como se não bastasse a vida que sofreram, quando foram arrastados da África, da sua origem dentro dos navios negreiros para servirem de escravos

no Brasil para pessoas brancas e cristas, ao qual foram proibidos de cultuar sua fé e seus Orixás, eles eram obrigados a cultuar o cristianismo. Para não se abaterem e como forma de resistência para não deixarem morrer sua fé, nem os Orixás



Figura 28: Babálorixá Dàrénajó, conhecido como Pai Damião - do Ilé Tògunjá - do Candomblé da Nação Ketu (Foto: Arquivo Babalorixá Diego, 2021)

dentro deles, eles pegaram um Ocutá e colocava no ayé (terra) e em cima colocavam um Santo da Igreja Católica, para que os brancos quando viessem as senzalas acharem que eles estavam rezando e mudando a sua fé. E foi então que nasceu o sincretismo, associando o Orixá ao Santo católico. Por exemplo, Nossa Senhora da Conceição está

associada a Oxum, São Jorge a Ogum, São Sebastião a Xangó, mas, em verdade não tem nada a ver um com o outro. Os Itans são diferentes e suas passagens pela terra também são diferentes. Os Orixás são divindades de Oludumaré. Portanto, os negros resistiram na religião e na sua fé fazendo algo muito bem-feito, criando o Candomblé.

O CANDOMBLÉ

Na África não existe Candomblé, o candomblé é criação dos negros escravizados. Na África o que tem é culto de Aldeia, por exemplo, no Oió na África o pessoal cultua Xangó que é a divindade dos raios, dos trovoes, é o Orixá da justiça. Como no de Osogbô que cultua Oxum, lá a Oxum predomina. Em Daomé se cultua Vodun,

são cultos de Aldeias, cultos tribais. Os negros no cativeiro criaram o que conhecemos como Candomblé, um ensinou para o outro como se cultuava um Orixá, Nkisi, Vodun. Temos conhecimento que o primeiro Candomblé a ser reconhecido no Brasil foi o da Casa Branca no Engenho Velho em Salvador, o Ilé Axé Iyá Nassò Oká.

CANDOMBLÉ É AMOR, ACOLHIMENTO E ACONSELHAMENTO

Para que as pessoas consigam entender que o Candomblé não é mal, é amor, é ajuda ao próximo, é um lugar acolhimento, aconselhamento, precisa conhecer. Sou uma pessoa muito grata por Orixá na vida, sou muito feliz dentro do Candomblé e só tenho a agradecer. Olorun modupé, a Oxum primeiramente, a Olorun, e Olorun modupé a meu Babalorixá Dàrénajó, que me iniciou, porque foi a pessoa que deu luz na minha vida e no meu caminho, ele

me iniciou dentro da religião sem cobrar nada, sem cobrar nenhum centavo, e me mostrou os caminhos, foi uma pessoa que tanto me ajudou na vida espiritualmente, quanto pessoalmente. Minha gratidão de coração. Minha família que sempre me estruturou de tudo, me apoiou. Minha mãe Maria das Mercês, que tanto amo e que devo a vida, posso contar com tudo, minha gratidão. Gratidão ao Universo, Olorun modupé, meu kalofé a todos.

A AFRICANIDADE ESTÁ EM NÓS, EM NOSSOS ANCESTRAIS

A gente pratica a africanidade dentro do nosso Terreiro de Candomblé e resgata nossa origem. O processo de iniciação da nossa religião é resgatar aquilo que foi tirado da gente, porque quando os negros vieram para o Brasil, eles eram obrigados a ser batizados e mudar de nome, ser batizado dentro da religião cristã e receber o nome cristão, então quando os negros tomaram carta de alforria, começaram a

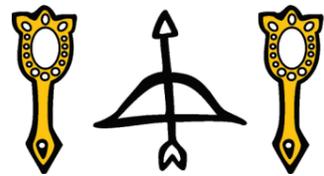
colocar seus Terreiros de Candomblé, lutar por aquilo, a gente começou a fazer um resgate da nossa religião, colocar o nosso DNA no lugar e voltar a nossa posição de origem, dos Orixás, a nossa posição africana, se iniciando e recebendo um orunkó, um nome africano, e recebendo sua identidade africana, é como se implantassem um DNA que os brancos conseguiram tirar da gente.

GRATIDÃO

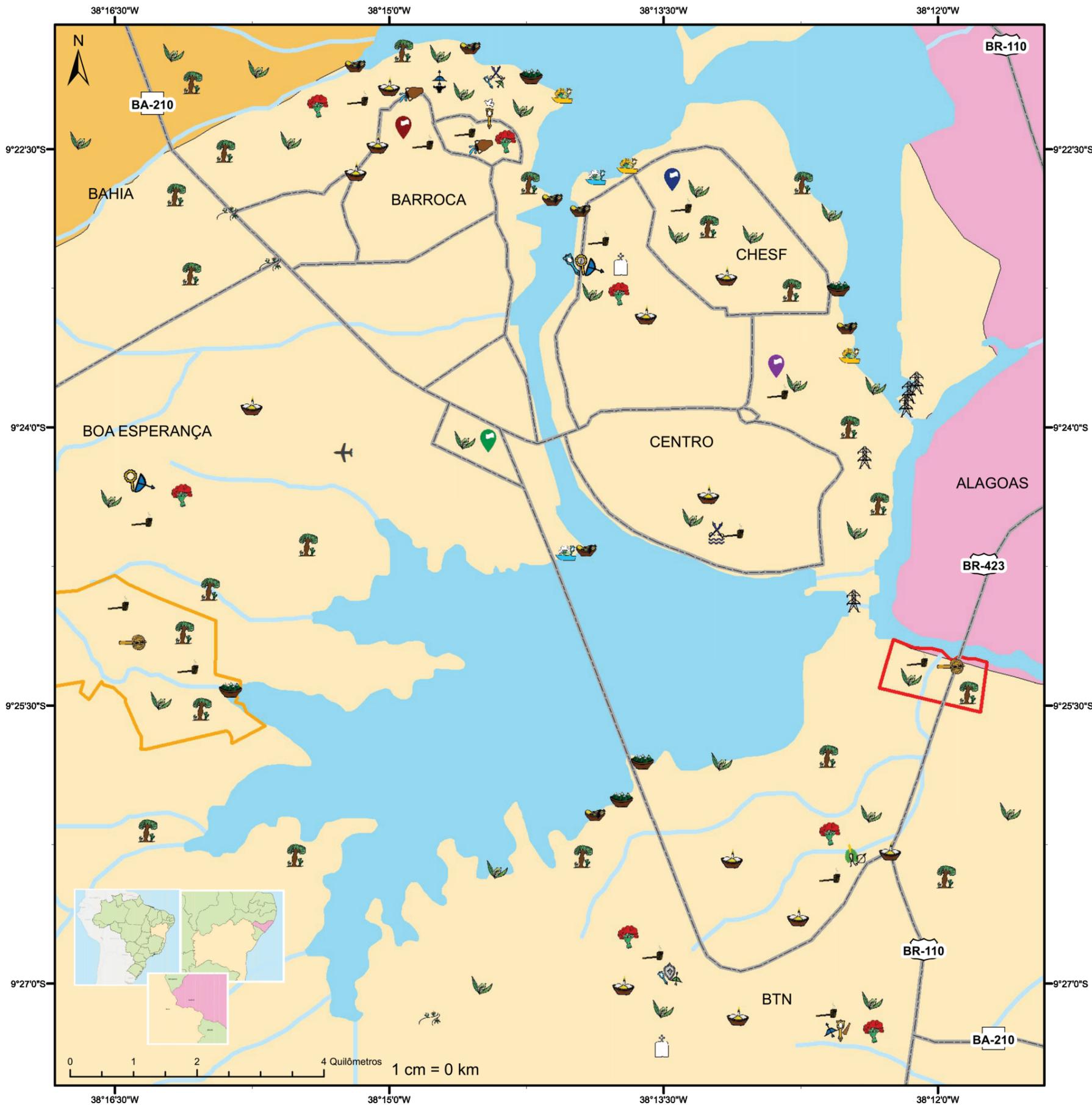
E eu sou grato a Orixá por tudo isso que tem ocorrido na minha vida e que prometi até o último dia da minha vida lutar, relutar pela fé e levar o nome do Orixá até o fim. Até quando Olodumaré me permitir viver aqui na terra. Então isso foi um pouco da minha história para a contribuição de Cartografia de Terreiro de Candomblé. Este é o resumo de minha trajetória e o que penso sobre o Candomblé. Agradeço a meu

Babalorixá Dàrénajó, minha mãe, que é a pessoa que eu posso contar com tudo, e agradecer também a Alzení que me fez esse convite pra poder dar meu depoimento e minha contribuição. Meu kolofé a todos, meu Olorum modupé e que Orixá possa abençoar a vida de todos com muita saúde, paz, prosperidade e caminhos abertos.

Axé irê, axé irê, axé irê.



Cartografia dos Povos de Terreiros de Paulo Afonso/BA



LEGENDA

Povos de Terreiros

- Centro Ogun Oledoji de Mãe Neta
- Abassá da Deusa Òsùn de Idjemim
- Ilê Axé Tògunjá
- Ilê Yá Orí Ofá Ibaim
- Ilê Axé Palácio de Ogum
- Ilê Axé Faralôcidomim
- Ilê Axé Tálásíkuerân
- Centro Espírita de Ogum Beira Mar
- Templo Escola Mata Virgem Casa de Liturgia e Caridade Cabocla Jacira
- Ilê Axé Oya Fefe Igbale Orum
- Ilê Axé Palácio dos Orixás
- Terreiro Ilê Axé Torum Megê
- Templo Escola de Umbanda Vovó Clara

Território e Identidade

- Festa de Oxum
- Festa de Yemanjá
- Lavagem Igreja
- Encruzilhada
- Caminhos
- Matas
- Cemitério
- Povos Indígenas
- Ciganas
- Presença de Caboclo
- Jardim das Plantas Sagradas
- Limpezas
- Oferendas

Convenções

- Paulo Afonso/BA
- Glória/BA
- Delmiro Gouveia/AL
- T.I. Truka-Tupan
- T.I. Kariri-Xokó
- Rio São Francisco
- Riachos Bacia do São Francisco
- Estradas
- Aeroporto
- Usina Hidrelétrica

Fontes Cartográficas
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Base Cartográfica: IBGE 2020/DNIT
 Cartografia dos Povos de Terreiro
 Datum: Sirgas 2000
 Arcgis Online
 Escala: 1:43.735

Realização:
 Projeto Nova Cartografia da Bacia do São Francisco
 Equipe: Alzení de Freitas Tomáz, André Luis Oliveira Pereira de Souza, Sílvia Janayna de Oliveira Veriato, Paola Odônfilé, Luis Gustavo Nóia Araújo, Luiz Felipe Bezerra dos Santos.

Cartografia
 André Luis Oliveira Pereira de Souza
 Alzení de Freitas Tomáz
 2023



GLOSSÁRIO

Àbassà	Denominação do Candomblé para designar Casa, Terreiro.
Aberé	Cura.
Adeká/Deka	É um cargo ritualístico na cultura Jeje-Nagô.
Aiye	Terra.
Ajé/Aié	Negatividade, coisas ruins.
Alguidar	Prato de barro.
Assentamento de Orixás	Consagração de um objeto construído e tratado a partir de conhecimentos secretos e ancestrais para representar materialmente um Orixá.
Babalorixá	Chamado de Pai de Santo.
Bantu	Civilização da África Subsaariana, que englobam mais de 400 subgrupos étnicos linguísticos diferentes. A etnologia Bantu quer dizer "pessoa", "humanos".
Bori	Rito de oferenda à cabeça (ebó ori), que consiste em assentar, reverenciar e ofertar o Orixá.
Centro	Denominação do Candomblé para designar o Terreiro, a Casa, a Roça. É um traçado de palha da costa trazido ao Brasil pelas religiões Afro-descendentes e é geralmente usado nas nações de Candomblé. É usado para proteção contra espíritos desencarnados.
Contra-egun	
Dijína	Palavra de origem kimbundu Rijina, dialeto bantu que significa "nome"; nome que o Orixá dá.
Eleguns	Pessoa que é rodante, que incorpora o Santo.
Esquerda	Linha de trabalho responsável por manipular e absorver as energias densas (Exu, Pomba Gira).
Ewé dundun	Folha fria.
Fazer o Santo	Expressão de feitorio, iniciação do adepto ao Candomblé.
Feitiço	Ação de enfeitiçar; simpatia.
Feitorio	Iniciação de alguém no culto aos Orixás.
Ibosé	Uma obrigação de 7 dias em que há imolação de animais.
Igbá	Espécie de pote e aguidá que guarda fundamentos do Santo.
Ilé	Denominação do Candomblé para designar o lugar sagrado dos Orixás.
Imolação	Morte em sacrifício a uma divindade.
Inã	Fogo calmo.
Inkan	São miçangas, metal do inka.
Inquice	É o termo de referência às divindades no Candomblé.
Iroká	É uma Orixá mais tradicional no Candomblé do que na Umbanda.
Iroko	Formação ou Ecologia Afrodiaspórica. Folhas que nos ensinam sobre as lutas dos Quilombolas e dos Terreiros. Folhas que nos ensinam outras formas de educar, habitar, cuidar e fazer política.
Issaba	Folha.

Izô	Fogo destruidor.
Jeje	Civilização africana que foi trazida para o Brasil no período escravocrata situado na região da antiga Daomé.
Kalunga	Cemitério.
Ketu	Candomblé de rito nagô é a maior e a mais popular "nação" do candomblé, uma das religiões afro-brasileiras, tendo origens nas tradições dos povos da região de Queto, incluídos entre os iorubás nagôs.
Obá	Orixá africana do Rio Obá ou rio Níger.
Oboró	Homem.
Olódùmaré	Deus Onipotente.
Olórum	Deus Onipotente.
Orí	Cabeça.
Orô	Pai de Santo de todos os Eguns.
Oró	Sacrifício; dar comida ao Santo; segredo.
Orum	Céu.
Osé/Imótótó	É uma tradição nas casas de Ketu/Nagó.
Paô	Palma de saudação para o Orixá permitir algo.
Rancó/Runkó	Quarto de iniciação do Yaó.
Templo	Denominação do Candomblé para designar o Terreiro ou a Casa de Santo.
Vodu	É um ramo de tradição religiosa baseado no culto aos ancestrais, que possuem raízes na região do Benim, dos Povos Jeje-Fom.
Yabá	Mulher, sacerdotisa.

CONTATOS

Alzeni de Freitas Tomáz - SABEH
75.99217 6860
editora.sabeh@gmail.com

APOIO



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL**
PROJETO QUILOMBOS

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia



PPGEcoH
Programa de Pós-graduação
em Ecologia Humana
e Gestão Socioambiental



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

UFBA
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



**FORD
FOUNDATION**



PROMOÇÃO

**LEI
ALDIR
BLANC**
DE EMERGÊNCIA CULTURAL



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
PAULO AFONSO**